

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**“O coroné era um homem corajoso, trabalhador, mas era perigoso”:** uma  
**história do coronelismo em Barra de Santana-PB**  
**(1920- 1950)**

*Ambrozina Barreto de Lira*

CAMPINA GRANDE-PB  
JUNHO DE 2011

**“O coroné era um homem corajoso, trabalhador, mas era perigoso”:  
uma história do coronelismo em Barra de Santana-PB  
(1920- 1950)**

*Ambrozina Barreto de Lira*

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

**Orientador: Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima**

Campina Grande

2011



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

AMBROZINA BARRETO DE LIRA

**“O coroné era um homem corajoso, trabalhador, mas era perigoso”: uma  
história do coronelismo em Barra de Santana-PB  
(1920- 1950)**

Monografia Avaliada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ com o conceito \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima  
Orientador

---

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha  
Examinador

---

Prof. Ms. José Pereira Júnior  
Examinador

## DEDICATÓRIA

Ao senhor Deus.

Aos meus pais, Maria e Manoel (In memoriam).

Aos meus irmãos: Cicero, José, Joao, Tana, Dionisio e Paulinho.

À meu marido Roniere.

Às minhas filhas Raquel e Radassa.

Aos meus amigos.

## AGRADECIMENTOS

Durante todo o decorrer do curso e deste trabalho, vivi momentos de muita alegria, mas também momentos de angústias e preocupações, no entanto, o importante é lembrar que sempre tive pessoas especiais ao meu lado me apoiando. Assim, cabe aqui agradecê-los:

Primeiramente à Deus, Ele é quem guia meus passos, me dar força pra lutar e me faz chegar a vitórias como esta.

Aos meus pais, Maria e Manoel (in memoriam), os quais foram os melhores pais que eu poderia ter e me educaram com todo amor e carinho.

Aos meus irmãos, Cicero, José, Tana, Joao, Dionísio e Paulinho, pessoas maravilhosas, especiais e inesquecíveis. Eles foram um dos motivos pelo qual eu quis fazer faculdade.

A meu amado marido, Roniere, que, apesar das raivas, me ajudou bastante, sendo compreensivo em todos os momentos, principalmente nesses momentos finais e tão angustiantes do final do curso, e vem melhorando a cada dia, crescendo junto comigo em responsabilidades e em conhecimento na escola da vida e do casamento.

A minhas queridas filhas, Raquel e Radassa, minhas pequeninas princesas que sempre me alegra com seus sorrisos inocentes, com seus abraços apertados, com suas vidas que dependem tanto de mim, pois apesar do trabalho e dos choros, elas são meus presentes que Deus me deu.

A minha querida e amada sobrinha, Thawana, que me alegra apenas com seu sorriso inocente e meigo.

Ao meu orientador prof. Luciano Mendonça, uma pessoa maravilhosa e surpreendente, que disponibilizou seu precioso tempo para me orientar e teve muita paciência em todos os momentos. Sendo sempre muito caprichoso e exigente para que esse trabalho fosse realizado com êxito.

Aos professores profs. Gervácio Batista Aranha e José Pereira Junior por se disponibilizarem a avaliarem esse trabalho.

A professora e amiga Regina, uma pessoa meiga, tranquila, que só em falar passa uma paz imensa, pela paciência e compreensão, pela ajuda indispensável nas horas mais importantes nesse final de curso.

Aos entrevistados: Antônio Gomes de Aquino, Vital Farias de Arruda, João Araújo e João Horácio, os quais foram de extrema importância nesse trabalho, sendo fundamental para que a pesquisa fosse realizada.

Ao amigo e poeta Vadeilson Costa pelo poema “Nos tempos dos Coronéis,” escrito especialmente para esse trabalho.

Aos meus sogros, Fatima e Ramiro, os quais sempre me ajudaram quando eu precisava.

A Adrienne, uma grande amiga, a pessoa que mais mim incentivou a fazer vestibular e sempre contei com ela em tudo.

A dona Soledade, uma mulher exemplar que sempre mim tratou como uma filha e merece todo o meu carinho.

A Mayara, amiga e prima que durante toda a caminhada foi de extrema importância, sempre me ajudando cuidando de minhas filhas com muito carinho.

A Gizele e Gicely, primas e amigas que eu tanto incomodei pedindo para digitar meus trabalhos e sempre atenderam meus pedidos com muita paciência e boa vontade, além do apoio moral que as duas sempre me deram.

A Denise, uma ótima amiga que conheci no curso e estivemos juntas em todos os momentos dessa trajetória, momentos inesquecíveis e angustiantes como o “teste de farmácia” que fiz na minha primeira gravidez, momentos alegres como os rodízios de pizzas, ou seja, Denise faz parte da minha historia pessoal e acadêmica.

A minha grande amiga Keu, que sempre mim anima com suas conversas descontraídas nas noites de sábados em minha casa tomando café juntas, me dando sempre apoio para continuar.

Ao meu amigo Carlinhos, que sempre esteve ao meu lado falando suas historias engraçadas para passar o tempo.

A minha amiga Augusta, ou melhor, "Divina," pela ajuda quando a solicito e pelo carinho.

A minha cunhada e amiga Rosa, que também me deu muita força nessa trajetória, além de sempre lavar minha louça.

As minhas amigas Viviam e Luzia pelas conversas agradáveis nos finaizinhos de tarde após um dia cheio.

As minhas vizinhas Arlete e Lucineide pelo apoio de sempre.

Ao meu grande amigo Francis, que tem me ajudado muito em tudo que preciso, desde um simples recado a pegar as meninas, ele tem mil e uma utilidades.

A Cicina pela compreensão em permitir que sua filha me ajudasse tanto nos momentos em que precisei.

A minha prima e amiga Luciana pela paciência e a boa vontade de ler e corrigir esse trabalho comigo.

A Alcione, uma pessoa ótima que também me ajudou muito principalmente na digitação desse trabalho.

Ao pastor Cabral que se tornou um grande amigo e sei que posso sempre contar com ele.

A Sueli Cabral também pelo apoio nas horas devidas.

A toda Igreja Congregacional em Barra de Santana pelo apoio em orações e pelo carinho de todos os irmãos em Cristo.

As minhas antigas turmas de alunos da Escola Estadual em Barra de Santana, onde lecionei no período 2009- 2010, pelo apoio e carinho.

As minhas professoras da primeira a quarta serie, Dona Isabel e Ana Lira, as duas além de alfabetizadoras também são ótimas educadoras e merecem toda a minha admiração.

Aos meus antigos professores da Escola Estadual em Barra de Santana: Silvio Goncalves, Ana Rita, Joseilton, Luciano, Silvério, Godelivie, David, Luzia e João Elias

os quais tem participação fundamental na minha vida acadêmica e profissional, não apenas como professores, mas também como grandes amigos.

As minhas atuais turmas da escola Municipal em Barra de Santana, as quais participaram dessa reta final.

Aos meus colegas de curso, especialmente a Denise, Aliandra, Nielson, Ádalla, Jaidete, Henrique e John, os quais foram ótimos e inesquecíveis amigos que levarei um pouco de cada um em meu coração.

Aos meus professores do Curso: Clarindo, Ramsés, Marinalva, José Otavio, Uelba, Benjamim, Rosilene, Giscard, Alarcom, Cabral, Roberval, em especial a Luciano Mendonca, a Gervácio, a Junior e a Regina, os quais foram fundamentais nessa reta final.

Aos motoristas do ônibus da prefeitura, Jurema, José Carlos e Edevan que também fizeram parte dessa caminhada.

Ao motorista da prefeitura, Leandrinho, o qual com muita boa vontade me conduziu ao sítio Salinas, onde se encontra as casas do coronel Chico Heráclio, para tirar as fotos necessárias a pesquisa.

A todos os amigos e colegas que passaram pela minha vida nessa trajetória e que talvez eu tenha esquecido de citar os nomes.

A todas essas pessoas citadas aqui eu só tenho a agradecer e que o senhor Deus cubra de bênçãos suas vidas.

## RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a imagem dos coronéis, construídas a partir da perspectiva de pessoas pertencentes a classes sociais diferentes. Nesse sentido, enfocamos as práticas coronelísticas ocorridas na cidade de Barra de Santana/PB entre os anos de 1920 a 1950. Para isso, vimos algumas transformações ocorridas nos fins do Império e início da República para analisarmos o contexto ou o ambiente, no qual se desenvolveram as práticas coronelísticas no Brasil, especialmente na Paraíba, destacando a ação das oligarquias e as práticas políticas cometidas pelos coronéis. Sendo assim, tomamos como objeto de estudo a família Heráclio do Rêgo, família de coronel bastante conhecida, e seu agir na cidade de Barra de Santana-PB, a qual no período estudado ainda pertencia a cidade de Cabaceiras. Neste estudo analisamos algumas entrevistas de pessoas que encontram-se entre a classe média e baixa, pessoas naturais da cidade que conheceram e conviveram com a família Heráclio do Rêgo e que se dispuseram a relatar os fatos que vivenciaram nesse período. A análise dessas fontes nos permitiu perceber como ocorriam as relações entre esses coronéis e a população pertencente a essas classes sociais. Como também nos permitiu analisar alguns traços da política existente no espaço de realização da pesquisa.

Palavras-chave: Coronelismo – Política – Barra de Santana

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 BRASIL REPUBLICANO: INÍCIO DE UM NOVO REGIME, PERMANÊNCIA DE ANTIGAS PRÁTICAS.....</b>	<b>16</b>
1.1 Fim do império e início da República.....	16
<b>2 AS PRÁTICAS CORONELÍSTICAS E AS OLIGARQUIAS NA PARAÍBA DA PRIMEIRA REPÚBLICA.....</b>	<b>22</b>
2.1 As oligarquias e o coronelismo.....	22
2.2 As práticas coronelísticas.....	27
<b>3 CORONELISMO EM BARRA DE SANTANA/PB.....</b>	<b>35</b>
3.1 Barra de Santana, espaço de realização das pesquisas.....	35
3.2 A família Heráclio do Rêgo.....	36
3.3 A imagem do coronel construída a partir de uma perspectiva mais elitizada.....	46
3.4 A imagem do coronel construída a partir da perspectiva dos “de baixo”.....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>55</b>

## Introdução

Neste trabalho procuramos analisar a imagem dos coronéis construída a partir da perspectiva, tanto das pessoas de um nível socioeconômico médio quanto das menos favorecidas economicamente da sociedade; pessoas que conviveram com esses coronéis de alguma forma e que dividiram suas experiências conosco para que essa pesquisa fosse realizada. Para isso, refletimos sobre as práticas coronelísticas ocorridas na cidade de Barra de Santana-PB<sup>1</sup>, entre os anos de 1920 a 1950.

Optamos por esse tema devido à necessidade de conhecer os fatos e a conjuntura que compõe a História sociopolítica de Barra de Santana, sobretudo a respeito do coronelismo nessa cidade, na qual, o sistema que vigora atualmente apresenta alguns traços desse sistema, onde os atos e pensamentos democráticos são poucos visíveis. Atribuímos maior destaque a família Heráclio do Rêgo, pois era uma constante nos relatos sobre o coronelismo na cidade, então percebemos que para analisar o coronelismo em Barra de Santana teríamos que remeter-nos a família Heráclio.

Para a realização de nossa pesquisa, utilizamos como fontes, entrevistas realizadas com pessoas que viveram esse período em Barra de Santana e um livro que narra a história de vida do coronel Francisco Heráclio do Rêgo intitulado “Chico Heráclio, o último coronel”, escrito por um de seus filhos Reginaldo Heráclio. Outro livro também que utilizamos bastante foi “Família e Coronelismo no Brasil. Uma História de poder” escrito por André Heráclio do Rêgo, um dos netos do coronel Chico.

Trabalhamos também com autores como: Edgar Carone em seu livro “A República Velha II: a evolução política”, no qual o autor trata sobre as relações entre o governo federal e os governos estaduais na República Velha; Linda Lewin em seu livro “Política e parentela na Paraíba”, a autora aborda o sistema político na Paraíba da primeira República destacando principalmente os processos eleitorais comuns naquela época; Vitor Nunes Leal, em “Coronelismo, enxada e voto”, Eliete Gurjão, em “Estrutura de poder na Paraíba” e José Murilo de Carvalho em seu trabalho “Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo; uma discussão conceitual”, os quais falam a respeito do coronelismo, além de autores essenciais como, Gervácio Aranha e

---

<sup>1</sup> Barra de Santana esta situada a 162 KM da capital João Pessoa, e é um município cortado pela BR 204 que liga Campina Grande a Caruaru

Luciano Mendonca, em suas obras "Trem e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880-1925)", e "Derramando susto: os escravos e o quebra quilos em Campina Grande", respectivamente, os quais discutem as tramas políticas existentes naquela época.

Em algumas bibliografias, o coronelismo é tratado como um sistema político vigente principalmente na primeira República, no qual o poder se concentrava nas mãos de um chefe local poderoso, este sendo na maioria das vezes um grande proprietário de terras, assim o coronelismo seria o fortalecimento do poder privado. É certo que o coronelismo se caracteriza como um período em que o poder local se concentrava nas mãos de um coronel, um chefe político local, porém isso não significou o fortalecimento do poder privado, pois esses coronéis serviam como meios para o poder público se fortalecer, como explica Vitor Nunes Leal:

Por isso mesmo, o "coronelismo" é, sobretudo, um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. (LEAL, 1997, p.40).

Assim o poder público se fortalecia através dos benefícios que os coronéis lhe oferecia, e o coronel local, por sua vez, comandava sua região e mantinha esta sob seu controle. O poder do coronel municipal era maior devido a lacuna deixada pelo poder público, principalmente no campo, pois era ele quem substituíria o governo e conquistava os votos para este. Existia, assim, uma relação de troca de favores entre os chefes locais e o poder público, um precisava do outro, como também afirma Leal:

A essência, portanto, do compromisso "coronelista" \_salvo situações especiais que não constitui regra\_ consiste no seguinte: da parte dos chefes locais, incondicional apoio aos candidatos do oficialismo nas eleições estaduais e federais; da parte da situação estadual, carta-branca ao chefe local governista( de preferencia o líder da facção local majoritária) em todos os assuntos relativos ao município, inclusive na nomeação de funcionários estaduais no lugar.( LEAL, 1997,p.70)

Então, o coronelismo foi um sistema sociopolítico que ocorreu principalmente no período da primeira República, e tinha como características o poder concentrado nas mãos das oligarquias, estas sendo locais, estaduais ou federais.

Outro autor que trata a respeito do coronelismo é José Murilo de Carvalho, o qual defende que o coronelismo foi uma fase que teve seu início, meio e fim:

O coronelismo não existiu antes dessa fase e não existe depois dela. Ele morreu simbolicamente quando se deu a prisão dos grandes coronéis baianos, em 1930. Foi definitivamente enterrado em 1937, em seguida à implantação do Estado Novo e a derrubada de Flores da Cunha, o último dos grandes caudilhos gaúchos. [...] o coronelismo retrata-se com uma curva tipo sino: surge, atinge o apogeu e cai num período de tempo curto. (CARVALHO, 1997)

Assim, para Carvalho o coronelismo foi uma fase de relacionamento entre os grandes fazendeiros e o governo que ocorreu apenas na primeira República, sem possibilidades de existir em outra época.

Utilizamos a história oral como instrumento metodológico por permitir-nos enquanto historiadores vislumbrar as multifaces de um discurso e as várias interpretações que as mesmas permitem. Trabalhamos com o conceito de História oral defendido por Verena Alberti, a qual defende que a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da História” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado. A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX após a invenção do gravador a fita, porém, chegou ao Brasil apenas em 1975. Através da História oral podemos estudar melhor a História do cotidiano (a entrevista pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas); a História política, entendida não mais como História dos “grandes homens” e “grandes feitos”, e sim como estudo das diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesses. Porém, uma das maiores contribuições desta fonte é o fato dela permitir o conhecimento de experiências e modos de vidas de diferentes grupos sociais<sup>2</sup>. Partindo deste princípio, ao iniciar a pesquisa entramos em contato com o agrônomo o senhor Antônio Gomes de Aquino, residente no município, conhecido por seu interesse em escrever e contar a história da cidade. Apresentamos nossa proposta monográfica e o convidamos para conceder uma entrevista sobre o assunto, o mesmo aceitou e marcamos um horário conveniente.

Preferimos realizar uma entrevista temática e organizamos um roteiro com questões que nos chamaram atenção durante a leitura. Entretanto, no decorrer da entrevista o entrevistado apresentou informações que transcendiam as questões

---

<sup>2</sup> ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Fontes Históricas. 1ª Edição, Editora Contexto, 2005.

propostas enriquecendo a pesquisa. Durante a entrevista o mesmo nomeou três pessoas que poderiam acrescentar novas informações. Assim, contactamos os senhores Vital Farias de Arruda, Joao Araújo e Joao Horácio e realizamos as entrevistas, todas nos locais e horários escolhidos pelos entrevistados, estas são pessoas de classes sociais diferentes, que tiveram algum contato com os coronéis Barra santanenses.

Outra fonte utilizada foi a fotografia, e nos reportamos ao conceito que defende a mesma como sendo um documento rico em informações e significados, que nos coloca direto com um momento, um personagem e uma época. Sabemos que antes a fotografia era utilizada apenas para ilustrar algo, porem hoje podemos considera-la como uma fonte histórica que nos fornece informações muito importantes e nos possibilita construir historias baseadas nessas fotografias, oferecendo também varias interpretações dessa fonte.<sup>3</sup> As fotografias utilizadas, algumas foram retiradas de livros, outras são de acervos pessoais.

Nosso trabalho está dividido, basicamente em três capítulos. No primeiro discorremos a respeito do coronelismo como fenômeno ocorrido em todo Brasil, analisando o contexto econômico e político do país enfatizando as transformações ocorridas nos últimos anos do império e início da República; no segundo abordamos a contextualização ou o ambiente onde se desenvolveu as oligarquias e as práticas coronelísticas especificamente na Paraíba. No terceiro capítulo fomos enfáticos ao âmago do nosso estudo, o coronelismo em Barra de Santana, especialmente a família Heráclio do Rêgo, analisando suas práticas, e a existência de atos de resistência por parte da classe menos favorecida para com essa família e esse sistema de dominação coronelística.

---

<sup>3</sup> Informações retiradas do texto de Marli Brito M. Albuquerque e Izabel Espellet, IN [www.scielo.br](http://www.scielo.br)

## **1. Brasil Republicano: início de um novo regime, permanência de antigas práticas.**

Neste capítulo iremos abordar as transformações ocorridas nos últimos anos do Império e início da República; se houve grandes mudanças ou não, o que permaneceu e o que foi mudado com a implantação do regime Republicano. Com isso objetivamos analisar o meio político e econômico no qual as práticas coronelísticas se desenvolveram, pois o nosso trabalho é centrado nestas práticas.

### **1.1 Fim do império e início da República**

Nos últimos anos do império, surgiram alguns fatores que contribuíram para a Proclamação da República, entre estes estavam: o conflito entre o poder civil e o religioso, contribuindo para aumentar o número dos que defendiam a necessidade de separação do Estado e da igreja, favorecendo indiretamente o advento da República. Os militares com algumas ideias republicanas estavam convencidos de que resolveriam os problemas brasileiros substituindo a monarquia pelo sistema político republicano; esses oficiais se sentiam incomodados com o poder do monarca. O imperador usufruía juridicamente de um poder quase absoluto; podia intervir no legislativo, no judiciário, além de exercer as funções do executivo, dividindo-os apenas com os ministros que eram os executores. Nos fins do império, a organização partidária já existia, havia alguns partidos menores, porém os principais eram o Liberal e o Conservador; eles se alternavam no poder e tanto um quanto o outro representava interesses dos grandes proprietários. Na verdade, eram os grandes latifundiários que controlavam a política do império, já que eram representados no Conselho do Estado, nas assembleias legislativas, nas câmaras de deputados, no Senado, nos ministérios, e nas forças armadas. Em 1850, houve um surto de progresso vinculado especialmente ao desenvolvimento da cafeicultura; esse desenvolvimento foi favorável para os grandes proprietários de terra do Oeste Paulista, ao contrário dos nortistas que sofriam com a queda do açúcar. Isso fez com que a política nacional tomasse novos rumos, como explica Luciano Mendonça de Lima:

No plano nacional, os grupos de interesses dominantes do norte paulatinamente perdiam espaços em função da emergência de novas elites ligadas à economia cafeeira do centro-sul. Esta conjuntura de crise regional, em que os principais produtos como o algodão e a cana-de-açúcar sofriam a concorrência de similares no mercado interno e, principalmente, internacional, acabou contribuindo para um redimensionamento do pacto da política imperial. (LIMA, 2006. p32).

A partir de então, passaram a existir novos interesses e de acordo com estes vinham às mudanças. Os cafeicultores passaram a substituir, aos poucos, o trabalho escravo pelo livre; os centros urbanos também foram surgindo; as ideias progressistas, abolicionismo, República, reformas no processo eleitoral, passaram a ser defendidos<sup>4</sup>. Outras transformações sociais e econômicas também estavam ocorrendo; estava surgindo o capitalismo industrial, apareceram às primeiras ferrovias, a economia brasileira tornava-se mais diversificada. Essas transformações afetaram a sociedade brasileira, agora, os interesses eram diferentes dos tradicionais. Ao lado das categorias ligadas aos empreendimentos aparecia a burguesia, surgindo assim a população urbana. Essas transformações atingiram em grande escala os fazendeiros que se asseguravam nas formas tradicionais de produção e no trabalho escravo; com essas transformações houve um enfraquecimento desse grupo, pois a abolição da escravidão representou um terrível golpe para eles, e estes eram, praticamente, o suporte da monarquia. É importante lembrar que a abolição atingiu toda a elite do império, pois, a maioria dos progressistas passou a ser abolicionista apenas nos momentos finais, nas circunstâncias impostas pela Lei Áurea<sup>5</sup>, como também ocorreu no caso da República, muitos passaram a ser republicanos após o regime implantado.

Diante de muitas contradições a República era vista como uma solução. As ideias separatistas nasciam do profundo desequilíbrio entre o poder político e o poder econômico existente nos fins do império, devido ao empobrecimento das áreas de onde provinham os elementos que manipulavam o poder, e do desenvolvimento de outras áreas que não possuíam a devida representação no governo. A ideia de República já era antiga no Brasil, porém existia uma divisão dentro do Partido que a defendia; uma tendência liderada por Silva Jardim era revolucionária, defendia uma revolução popular; a outra tendência liderada por Quintino Bocaiúva era evolucionista, acreditava que se chegaria à República através de um sistema eleitoral, sem precisar de revolução. A solução militarista surgiu em 1887, quando os chefes do partido começaram a pensar na possibilidade de recorrer ao exército para derrubar o antigo regime e implantar a República. O exército era um dos mais empenhados em fazer mudanças no governo, inclusive apoiando o abolicionismo. Com o apoio desse grupo, de outros, e com a adesão de Deodoro da Fonseca, Benjamim Constant proclamou a República em 15 de novembro de 1889. Alguns autores defendem que essa proclamação foi apenas assistida pela população “bestializada”, ou seja, a população aceitava tudo sem reagir, no entanto sabemos que não foi bem assim, pois mesmo sufocada, de alguma forma a população não só reagia como também agia de acordo com

---

<sup>4</sup> Ver, VIOTTI, Emília da Costa, Da Monarquia a República: momentos decisivos. 5ª edição, São Paulo, editora UNESP, 1987.

<sup>5</sup> Lei Áurea: lei assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888, libertando os escravos. Ver LIMA, 2006.

seus interesses e circunstâncias. Tanto no império como no início da República aconteceram revoltas que demonstravam a insatisfação da população, como Quebra-Quilos no Império e Canudos no início da República.

O Quebra-Quilos foi um movimento ocorrido em 1874, começou em Fagundes, na época era município da cidade de Campina Grande, interior da Paraíba, e se espalhou por mais três províncias do Norte: Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas; homens e mulheres, livres e escravos, insatisfeitos com a exploração e opressão político-sociais comum naquela época, confrontaram a polícia, quebraram os pesos e medidas do novo sistema métrico-decimal, não aceitavam mais pagar impostos, invadiram os prédios das repartições públicas. Algumas pessoas saíram feridas desses confrontos, porém o pior foi a punição dada aos revoltosos pelas forças policiais, estes repreenderam brutalmente esses revoltosos, escravos foram punidos com diversos tipos de castigos, homens pobres chegaram a ser punidos até com o instrumento de tortura, o "colete de couro" que os matava por asfixia ou os deixava com graves sequelas. No entanto, apesar de toda repreensão, o movimento do Quebra-Quilos serviu para mostrar a força que a população tinha na época.<sup>6</sup>

Outro movimento de revolta popular foi Canudos, este aconteceu no interior da Bahia em 1893 liderado pelo beato Antônio Conselheiro. A miséria, a fome e o desemprego fomentaram inúmeras pessoas a seguir Antônio Conselheiro e formando o povoado de Canudos. Tanto o governo como os proprietários de terras viam nesse movimento muitas desvantagens e tentaram várias vezes acabar com esse povoado por meios de ataques policiais; fracassaram nos três primeiros ataques, porém no quarto o governo federal mandou os soldados armados com todos os tipos de armamentos, inclusive canhões, e exterminou a população daquele povoado.<sup>7</sup>

Então, apesar de os movimentos populares terem sido sempre sufocados, eles aconteceram e mostram que a população resiste aos abusos do governo, porém sabemos que o problema é justamente porque o governo tem todo um conjunto a seu favor, que no caso é a máquina governamental. E essa resistência da população já vem desde o império, passando a ser um pouco mais incisiva na República.

Embora havendo esses atos de resistência, a Proclamação da República não foi sinônimo de transformações significativas no Brasil; as condições de vida dos trabalhadores rurais permaneceram as mesmas, parte do sistema de produção também permaneceu e a dependência em relação aos mercados estrangeiros também continuou. Assim, apesar da República instaurada, não houve grandes mudanças no país:

Os primeiros anos da República no Brasil serviram para consolidar o poder econômico e político dos grandes fazendeiros, sobretudo os de São Paulo. Assim, longe de

<sup>6</sup> Ver, LIMA, Luciano Mendonça de. Derramando Susto: os escravos e o quebra-quilos em Campina Grande. EDUFCG, 2006.

<sup>7</sup> Ver, texto "Guerra de Canudos" IN: [www.algosobre.com.br](http://www.algosobre.com.br).

significar mudança na estrutura política, esse fato representou a permanência das práticas de dominação existente em todo país desde o período imperial (1822-89). (FERNANDES, 2006, p.35)

No início da República, a economia estava baseada em alguns produtos de exportação como o café, o açúcar, a borracha e o algodão. Essas atividades eram apesar disso, parte da comercialização e industrialização que estava ligada a origem agrícola. Já a borracha foi a atividade que condicionou um desenvolvimento comercial e urbano, mas, ligado a formas mais obsoletas de trabalho. Mas, o café tinha uma supremacia em relação a esses outros produtos porque estava no ápice de sua comercialização.

O algodão, outro produto de exportação, ganhou maior expressão com a crescente demanda industrial europeia no século XVIII; a partir da segunda metade deste século houve uma grande elevação nas lavouras de algodão do Brasil. Em seu período de auge o algodão chegou a representar 24% da riqueza produzida no país. A partir do século XIX o governo incentivou a construção de fábricas têxteis que empreendessem a manutenção dos benefícios fiscais provenientes da exploração do chamado "ouro branco".<sup>8</sup> Na Paraíba, o algodão teve seu auge a partir de 1919; mesmo com a Primeira guerra mundial interrompendo o comércio da Paraíba com os seus principais clientes, a Alemanha e a Grã-Bretanha, o comércio da costa do país compensou a perda do comércio exterior, o cultivo do algodão na década de 1920 chegou a ser em torno de aproximadamente 50 milhões de quilos anuais. Durante essa década, a participação do algodão no valor total da exportação aumentou consideravelmente em virtude do maior volume produzido do que de uma tendência ascensional de preços. Assim, enquanto que na década de 1890 o algodão contribuíra com apenas cerca de um terço da renda total, essa proporção cresceu para três quartos na década de 1920.<sup>9</sup>

Desta forma, as oligarquias agrárias prevaleciam naquela época, como também o domínio político-agrário se sobressaía ao fenômeno urbano, visto que a burguesia das cidades demonstrava um apoio total às oligarquias dominantes, ou seja, o coronelismo e o sistema oligárquico se sobressaíam também na economia. É nesse contexto que podemos entender a ação política brasileira no início do novo regime. A República, como o próprio nome já diz, representava toda a nação brasileira, porém os comandos e privilégios se restringiam a uma faixa mínima da população, as grandes e poderosas famílias que formavam as oligarquias.

---

<sup>8</sup> Informações retiradas do site: [www.brasile scola.com](http://www.brasile scola.com)

<sup>9</sup> LEWIN, Linda. Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar. tradução André Villa Lobos. Rio de Janeiro: Record, 1993.

O Brasil do início da República, ou na República Velha como ficou conhecida esta fase, ainda era marcado pelas práticas oligárquicas, assim como já era na Monarquia. Pois com a implantação da República, o processo de regionalização foi intensificado devido às novas condições político-institucionais e a substituição da divisão territorial do país em províncias pelo federalismo, com isso os Estados passaram a constituir o eixo do processo político, e através da “política dos governadores”, na qual os governadores dos estados e o presidente da República assinalavam acordos políticos baseados na troca de favores, os primeiros não faziam oposição ao governo central, e em troca ganhavam mais verbas federais, essa política deu maior liberdade aos Estados; se fortificou a relação de compromissos mútuos entre as oligarquias dominantes nestes Estados, fortalecendo o sistema oligárquico.

No início, a República teve seu sentido de “coisa publica”, totalmente distorcido, principalmente, pelas forças estaduais que transformavam o sistema eleitoral em um jogo controlado pelos que estavam no poder, os situacionistas. Essa situação foi reforçada ainda mais quando, em 1890, foi criada a lei Cesário Alvim<sup>10</sup>, a qual permitiu os meios legais e necessários para a vitória dos mais fortes, e isso significava a permanência dos grupos coronelísticos e oligárquicos mais organizados, estes se firmando como partidos estaduais e reunindo as forças situacionistas locais. Esses coronéis, apesar de manter acordos com o governo federal, quando este não estava lhes agradando, eles se reuniam e promoviam revoltas como aconteceu na revolução federalista em 1893, como afirma Edgar Carone:

Do ponto de vista militar, as forças federalistas são compostas exclusivamente de tropas coronelísticas civis, tendo, é verdade, o comando supremo na pessoa do general João Nunes da Silva Tavares. Se alguns outros oficiais participam da Revolta, a maioria dos comandos é compostas de coronéis latifundiários, isto é, chefes políticos locais.(CARONE,1977,p105)

Então, essa revolta federalista foi um exemplo, a nível federal, do descontentamento dos coronéis de não ser atendido em suas vontades pelo governo. Nesta conotação, vislumbramos um antagonismo entre poderes que configuramos como o jogo de forças. Uma vez que, cada coronel querendo mais poder que os outros levavam as revoltas contra, tanto o governo federal, como foi o caso da federalista, como também contra o governo estadual:

Estes coronéis se rebelavam contra os governantes estaduais por estarem sendo, geralmente, desprestigiados, ou seja, por estarem sendo muitas vezes preteridos na investidura de líderes locais e assim de representantes, nos municípios, dos interesses dos oligarcas estaduais, da própria política dos governadores. Ocorria de muitos coronéis serem retirados do

---

<sup>10</sup> ver, [www.tse.gov.br/ines/a-velha-republica.html](http://www.tse.gov.br/ines/a-velha-republica.html).

controle do município e em seu lugar o presidente do Estado colocar exatamente seu maior desafeto local, isso e vários outros fatores, como o próprio sentimento de traição, impulsionava os coronéis a arregimentar grande numero de homens e a ir ao confronto direto com a presidência do Estado...(DOS ANJOS, 2009, p27,)

Essa situação ocorria quando o governo estava almejando alguma aliança com esse opositor, porém os coronéis não estavam dispostos a abdicar o seu espaço para seus adversários. Além disso, existiam acordos entre esses coronéis e o governo, e vice-versa.

Assim, diante do contexto existente no Brasil da Primeira Republica, criou-se um acordo entre os donos do poder. Agora, havia um governador de Estado eleito que dependia dos chefes eleitorais. O coronel municipal apoiava o coronel estadual que apoiava o presidente da Republica, que por sua vez, apoiava o coronel estadual, que apoiava o coronel municipal. (FERNANDES, 2006, p. 37)

E quando esses acordos eram quebrados ou quando não eram cumpridos, logicamente vinha à revolta de quem estava em desvantagens. Com isto, realizamos essa suscita abordagem para recordarmos alguns feitos ocorridos no final do Império e inicio da República, mas principalmente para destacar que o domínio dos grandes proprietários de terras do império continuou e, inclusive, se fortaleceu na Republica Velha. Não apenas a economia continuou a mesma baseada no setor agrário, mas principalmente a politica, ou melhor, os acordos e conflitos políticos permaneceram praticamente com as mesmas configurações.

---

## 2. As práticas coronelísticas e as oligarquias na Paraíba da Primeira República

Neste capítulo, iremos analisar as práticas coronelísticas ocorridas especialmente na Paraíba, tanto nos fins do império, como na República velha, enfatizando também a ação e resistência da população diante do sistema coronelístico. Para isso, vamos mostrar algumas das estratégias utilizadas pelos coronéis para manter-se no poder, e destacaremos também alguns meios pelos quais a população agia e resistia a esse sistema.

### 2.1 As oligarquias e o coronelismo

Oligarquia significava o predomínio de pequenos grupos na direção e gerenciamento das relações comerciais, políticas e ideológicas de uma sociedade. Geralmente, esse poder era atribuído as famílias com maior poder aquisitivo e prestígio político. Essas oligarquias podiam ser divididas em dois tipos: aquelas ligadas ao grupo familiar grupal e aquelas onde a máquina governamental era mais forte e complexa e o partido dominante representava um poder controlador e distribuidor, equilibrando, um pouco, os desejos individuais e coletivos. Essas oligarquias eram formadas por grandes famílias, as quais incluíam “parentes e aderentes,” não existia democracia ou governo público como a República preconizava. E para qualquer pessoa se envolver no poder político ou conviver com essas oligarquias, segundo Gervácio Aranha, era preciso juntar-se a elas:

E como cada um era levado a conviver com isto, o que se tinha a fazer era lutar para conseguir um lugarzinho ao sol, ou seja, cada um procurasse se arrumar na vida agregando-se ou tornando-se protegido de uma dessas famílias. (ARANHA, 2006, p.37).

O Brasil viveu sob o comando dessas oligarquias durante muito tempo, pois o povoamento descentralizado, aliado a formação da grande propriedade, permitiu o fortalecimento do coronelismo, um sistema baseado nos domínios familiares e sociais, que substituía parcialmente o pouco-caso da ação pública. Alguns historiadores defendem que o coronelismo foi o fortalecimento do poder privado, porém seguiremos a tese de que o coronelismo se baseava numa relação de ajustes entre os senhores donos de terras em declínio e o poder público cada vez mais forte, então o coronel era o meio pelo qual o poder público se ampliava e se fortificava:

As oligarquias que indiretamente governaram o Brasil durante a primeira República consistiram, portanto, em pequenos grupos de homens que monopolizaram os cargos políticos em cada

Estado, normalmente o governador e os representantes eleitos para o Congresso Nacional e para a Assembléia Legislativa estadual. (A Paraíba era um dos dois Estados que possuíam um legislativo unicameral. Nos demais estados, o legislativo era constituído por um senado e uma câmara de deputados.) Os detentores locais do poder, entre os quais se recrutavam os chefes partidários ao nível municipal, constituíam o degrau mais baixo da escada oligárquica e arcavam com a responsabilidade de fornecer os votos. (LEWIN, 1987, p.17).

O coronel, que tinha o poder municipal, era o homem poderoso que prestava favores, assistindo as pessoas, aos “compadres”, daí a relação de compadrio. As pessoas consideradas inferiores e dependentes se submetiam ao coronel da terra pela sua proteção ou por meio da persuasão e nessa troca exigia a lealdade de seus “clientes”, por isso também o nome de “clientelismo”. A autoridade do coronel se ampliava como chefe político mantendo um grande número de eleitores cativos, através desses favores prestados, surgindo um eleitorado de cabresto que não tinha outra opção a não ser votar em seu compadre, formando um “curral eleitoral”, nome dado à região controlada pelos coronéis. Nesse período era muito comum o uso do poderio armado, a decisão pessoal, o domínio sobre os agregados ou eleitores, o mandonismo do coronel. Na Paraíba, como nos outros Estados menos desenvolvidos, o poder do coronel manifestava-se livremente, acarretando assim uma luta mais violenta. Apesar de naquela época no Brasil já existir um certo sistema eleitoral e jurídico, o coronelismo e as oligarquias imperavam como poderes locais usando da força e do domínio do mais forte.

Porém quando os coronéis locais não eram atendidos em suas solicitações eles procuravam promover revoltas contra tanto o poder estadual quanto o federal. Na Paraíba, uma revolta que merece destaque foi a Revolta de Augusto Santa Cruz, ocorrida em Alagoa do Monteiro, em 1911-1912. Essa revolta foi um conflito armado, o qual teve como líder o coronel Augusto Santa Cruz, o mesmo nesse período estava passando por alguns desprestígios na política por fazer parte da oposição e decidiu revoltar-se contra o governo paraibano. Essa revolta ocorreu justamente na época em que estava havendo as disputas pelo poder local, e nesse período o então presidente do Estado, João Machado, Alvarista, retirou qualquer apoio a Santa Cruz em prol do seu opositor Pedro Bezerra. Sobre o caráter dessa revolta existem opiniões contrárias: de um lado, os situacionistas: através do jornal *A União* que caracterizava a revolta como sendo uma demonstração de loucura em busca do poder por parte de Santa Cruz; do outro a oposição, através do jornal *Estado da Paraíba*, defendia Santa Cruz como um “revolucionário” que buscava livrar a Paraíba do despotismo do Alvarismo, isto é, era uma revolta contra os mandos e desmandos dos partidários de Álvaro Machado. Porém, a revolta de Santa Cruz também pode ser compreendida como campanha política para eleições de 1912, na qual escolheria um novo presidente do Estado.

Apesar dessas opiniões serem contrárias podemos perceber essa revolta como os políticos da época usavam da teatralização do poder, uma prática muito comum, desde da época do Império, utilizada para chegar aos seus objetivos:

O comportamento político dos interessados, buscando, em especial, analisar as estratégias político-discursivas a que recorriam para alcançar seus objetivos, estratégias que se expressavam por meio de uma serie de jogos verbais ou de cena, próprios da teatralização política elevada a seu mais alto grau, do tipo que encerrava propósitos bem diferentes dos que costumavam encenar. (ARANHA, 2006,p30;IN, DOS ANJOS, 2009,p 18,)

Augusto Santa Cruz usou dessa teatralização ou encenação, no mais alto nível, tentando passar uma imagem de oprimido para conseguir o apoio do povo contra seus adversários, como era muito comum entre os políticos da época:

O papel do “oprimido” foi elaborado mediante um constante jogo de cena, a uma teatralização permanente dos fatos políticos. Augusto buscava o convencimento da existência da perseguição de que dizia ser vítima por meio de toda uma dramatização, sensibilização. Apelando para questões como honra, o não cumprimento da palavra empenhada, ou ainda nas injurias e ofensas à sua moral que teriam sido feitas por seus rivais políticos, Santa Cruz realizou suas ações em um grande teatro de poder, em meio a um drama no qual todos os seus atores teatralizavam a partir de um discurso principalmente de sensibilização. (DOS ANJOS, 2009, p114.)

Assim, essa revolta liderada por Augusto Santa Cruz nos anos de 1911 e 1912 caracteriza bem as disputas políticas existente naquele período.<sup>11</sup> Então, essa teatralização utilizada nesse movimento sempre foi comumente usada pelos coronéis para reunir o apoio do povo e lutar contra o governo de acordo com seus interesses, pois sabemos que esses coronéis se revoltavam não em prol de melhorias para o povo, mas em busca de seu próprio progresso. Podemos perceber que esses coronéis formavam o poder local, as oligarquias e quando o governo não cumpria com os acordos feitos, os próprios coronéis corriam em busca de melhoras para si mesmo, logo percebemos as lutas e disputas pelo poder dentro do próprio círculo coronelístico, criando assim um jogo para medir o poderio de cada um:

Diferente é o resultado da ação dos coronéis que estão presos a produção de mercado. É que sua existência material depende de um processo social e econômico mais complexo, o que os liga intensamente ao processo de poder. O fazendeiro de café ou de açúcar, o faiscador de diamantes ou o fazendeiro criador de gado representam pesos diferentes na escala de valores, mas dependem de relações mais ou menos

<sup>11</sup> Ver mais em DOS ANJOS, Giulianne Chrishina Barros. A revolta de Augusto Santa Cruz: drama e política na Paraíba.2009.

complexas, que estão presas á sociedade brasileira mais dinâmica. Daí, a ação ou o equilíbrio das forcas coronelísticas representarem reflexos mais diretos sobre a política, porque, num regime representativo, é fundamental o jogo de forças.” (CARONE, 1977, p.14)

Gervácio Aranha deixa claro esse jogo de forças, no Nordeste, falando sobre as vindas das ferrovias para a região:

A minha hipótese é que as estradas de ferro, na parte do Norte do Brasil a que chamamos hoje de Nordeste, foram marcadas por interesses privados de toda ordem, interesses que ficaram a mercê do então jogo político praticado pelas elites provinciais ou estaduais no contexto do Estado brasileiro. Consequentemente, uma prática que traduz com todas as letras a idéia de jogo, a construção de trilhos para todo lugar e para lugar nenhum. Até porque, alimentada pela “mística ferroviária” propalada pela imprensa, aliada ao fato que as ferrovias passaram a ser vista como um negócio altamente lucrativo, essas elites, fazendo um uso político da questão ferroviária, lançaram mão de toda a teia de cumplicidade e estratégias político-discursivas com vista à obtenção, nessa ou naquela localidade, do seu quinhão ferroviário. (ARANHA, 2006, p.52)

Assim, podemos dizer que o poder dos coronéis e dessas oligarquias não estava apenas no campo político, mas também se implantava na economia. E segundo Gervácio Aranha, “falar das oligarquias na Paraíba como de resto na maior parte do país é falar do domínio econômico e político exercido por grupos poderosos, famílias que se aliam para esse fim.” (ARANHA, 2006, p.39).

Na Paraíba não era diferente, principalmente porque sendo um dos Estados menos desenvolvidos e mais subordinados do Brasil, não houve uma grande difusão, ou incentivo para que houvesse uma mudança mais rápido como aconteceu no centro Sul do país. Tanto nos fins do Império, como no início da Republica, o poder estava nas mãos das oligarquias, ou grandes e poderosas famílias Paraibanas Estas famílias detinham o domínio econômico e político da época. E muitas vezes para conseguir alguma posição nessas famílias, arranjavam-se alianças através de laços de amizade e até mesmo de casamento, pois na maioria das vezes, naquela época, o casamento era tido como um simples contrato ou negócio e nessas redes familiares estava a base das oligarquias nesse início de República. A política paraibana era dividida entre famílias que se revezavam no poder, sempre existindo lutas, disputas acirradas, e, principalmente, perseguições políticas de ambas as partes, dos dois partidos que formavam os situacionistas e os oposicionistas.

O meio social onde o coronelismo se sobrepunha era constituído também por pequenos proprietários rurais e os habitantes dos centros urbanos, comerciantes, jornalistas, padeiros, artesãos, e os próprios moradores do coronel, os quais eram um dos

mais importantes, pois daí saía os homens de confiança ou os capangas que faziam todo serviço ilegal para o coronel; e essas pessoas formavam o eleitorado municipal. O poder municipal, pode-se dizer, era mais fraco que o poder dos coronéis estaduais, pois as oligarquias tinham o projeto de dominar o país, baseado na centralização, então elas tentavam demonstrar que os municípios não tinham tanto poder e que eram dependentes do governo federal e estadual. E não tendo recursos para suas próprias necessidades, os municípios recorriam aos governos superiores, criando assim um vínculo de dívida e de favores, recompensando-os através do sistema eleitoral, por isso “boas relações” entre o coronel e os chefes políticos estaduais eram tão necessárias.

Na Paraíba e em outros Estados com menor poder aquisitivo, as autoridades ainda eram no modelo patriarcal, porém nos Estados mais desenvolvidos os vínculos sociais eram estabelecidos pelo poder econômico e financeiro. Assim, podemos dizer que o coronelismo foi um poder político, econômico e social público, primeiro em nível local, podendo se ampliar á outros círculos. Os pequenos coronéis comandavam apenas a política de seu lugarejo e seguiam sempre o situacionismo no governo federal e estadual; já os grandes coronéis, os mais poderosos, faziam parte das decisões oligárquicas.

O coronel era ligado a uma grande clientela política, e nesta encontrava-se também uma grande parentela e pessoas dependentes em diversas ordens. Pois, uma das principais características do coronelismo era, sobretudo, as trocas de favores que existiam entre o coronel e sua clientela:

Neste sentido, sua atuação é permanente e abrange múltiplas funções: jurídicas, políticas, financeiras e assistencialistas, exercidas pretensamente como favores. Correspondem, na realidade, á penhora do voto, a submissão do eleitor, á sua fidelidade incondicional ao candidato do “coronel.” (GURJÃO,1999,p.55).

O coronel sempre tinha uma determinada clientela. Esta podendo variar de acordo com a área que ele mantinha influência, com os compromissos locais que ele tinha e com o seu prestígio pessoal, o qual era muito importante. Essa clientela tinha o compromisso com o coronel, e este por sua vez, tinha o compromisso com as oligarquias dominantes, existindo assim uma relação de interdependência entre esses grupos:

...uma interpretação faccional da política oligárquica expõe sua dependência crucial relativamente ao clientelismo e á patronagem, embora a mobilização política se baseasse num amplo espectro de motivações grupais, desde interesses econômicos até objetivos de status pessoal e posição familiar. (LEWIN,1993,p.7)

Esses compromissos eleitorais sofreram algumas mudanças ao longo do tempo, pois no início o voto era por compromissos afetivos, morais ou alguma dependência diversa; depois com desenvolvimento do capitalismo, o voto passou a ser mercadoria negociável. Podemos assim dizer que o coronelismo se apresentava como um encadeamento rígido de tráfico de influências, e que sua prática política estava muito bem estruturada em um sistema eleitoral, no qual era possível reconhecer todos os seus passos, podendo localizá-los no tempo e no espaço. Era como se fosse uma pirâmide de compromissos recíprocos entre o eleitorado, o coronel, o poder municipal, o estadual e o federal; o coronel manda na sua pequena região, ele troca favores com os poderes estaduais, e estes, por sua vez, negocia também favores com o poder federal.

## 2.2 As práticas coronelísticas

Os coronéis para manter o seu poder sempre usavam de algumas práticas abusivas. Durante o período colonial os homens que detinham o poder local, os senhores dos engenhos, tinham a seu favor a Milícia como um instrumento de repressão contra seus adversários ou para a população, caso tentasse se rebelar, pois esses donos do poder usavam da repressão para sufocar qualquer tipo de revolta. No Império ocorria as mesmas práticas coercitivas, porém com outra nomenclatura, conforme afirma Janotti:

... a guarda nacional empregada para coibir movimentos revolucionários da época, juntamente com o exército, e submeter tanto os escravos quanto os diferentes grupos sociais aos interesses dos senhores de terras. (JANOTTI, 1981, p.20).

Essa guarda nacional era constituída pelos donos do poder local, os quais ocupavam cargos como tenente, major e coronel. A nomenclatura de coronel com o passar do tempo deixa de ser relacionada apenas á função militar, passando a ser usada para distinguir os chefes políticos. Nesse período até o recrutamento para o exército era usado como uma arma para reprimir os adversários; pois se convocavam os parentes e dependentes desses adversários e os enviavam para servir em outras províncias, os afastando, assim, da família. Os políticos locais disputavam entre si para ter o poder nas mãos:

Na Paraíba, durante a República Velha, as lutas foram uma constante. A corrupção e a violência caracterizavam as disputas entre a oligarquia situacionista e oposicionista nos municípios. Comumente "coronéis" mandavam seus "cabras" emboscar e agredir seus adversários, quando não se

articulavam com bandos de cangaceiros para maior eficiência do "serviço".(GURJAO,1999,p.56).

Os políticos locais que tinham o poder ultrapassavam, muitas vezes, os limites de sua autoridade, porém o Estado deixava passar despercebido. Esses chefes locais usavam de todo tipo de violência desde os pequenos abusos até assassinatos, espancamento, fraudes eleitorais, controlando as eleições por meios ilícitos ou ilegais; usavam de todos os métodos criminosos, desde que esses métodos levassem esses homens a adquirir alguma vantagem.

Dentre as práticas mais ilegais cometidas pelos coronéis, estavam as relacionadas com as próprias eleições; pois era através destas que o coronel garantia todo um sistema eleitoral, principalmente no período de reunir os eleitores aptos para a votação. Os coronéis levavam e traziam eleitores para cidade, lhes oferecendo transportes e comida; "presenteavam" esses eleitores com roupas, sapatos, óculos, e lhes promovia diversões; quando o eleitor não podia ir até a cidade, o coronel enviava o formulário de inscrição, o que desrespeitava as regras estabelecidas. Quando elaboravam as listas infringiam algumas regras; eles incluíam cidadãos menores de idade e pessoas analfabetas, o que naquela época era proibido, e incluíam inclusive pessoas já falecidas; excluíam eleitores que não fosse de acordo com os interesses do coronel. No dia das eleições o abuso de poder superava o que corriqueiramente era visto, todo um conjunto era formado entre os coronéis que comandavam a polícia, a Mesa Receptora dos Votos, além de seus próprios capangas; quando um analfabeto chegava para votar, os componentes da Mesa preenchiam as cédulas e eles próprios assinavam a lista de presença; eleitores que demonstravam ser contra os coronéis situacionistas eram presos com o argumento de desacato á autoridade; a policia era usada para amedrontar os eleitores, além dos capangas que estavam ali com o mesmo objetivo; não havia sigilo no voto; quando chegava a hora da apuração, anulavam-se cédulas, acrescentavam-se votos, pois não havia fiscalização já que a oposição não podia presenciar o processo de apuração:

A batalha eleitoral era iniciada muito antes do pleito. Durante o alistamento eleitoral, cada oligarquia procurava recrutar maior número de eleitores, recorrendo, inclusive, ao alistamento clandestino. Por ocasião das eleições, os chefes políticos costumavam falsear os votos e os resultados das urnas contabilizando votos existentes ou não para seus candidatos. Neste aspecto, a legislação eleitoral favorecia os "coronéis" que compunham as mesas eleitorais encarregadas de controlar as eleições e realizara apuração dos votos. (GURJÃO, 1999,p.56).

Além disso, naquela época era muito difícil haver oposição forte ao governo, e quando isso ocorria o coronel usava varias estratégias para impedir a eleição dessa oposição, ameaçando os eleitores e até mesmo impedindo a formação da mesa eleitoral; no dia da eleição a polícia que era usada para manter a ordem era comandada pelos coronéis, pois os delegados eram voluntários, não recebendo salário e eram escolhidos pelos próprios coronéis. No dia do pleito, devido às disputas acirradas e violentas entre situacionistas e opositoristas, também era comum usarem de assaltos às seções eleitorais, destruição de urnas e dos livros de registros, inclusive atentados às autoridades locais. Esses acontecimentos violentos, antes e durante o período eleitoral, sempre foram muito comuns em todo Brasil, principalmente na Paraíba, desde a época do império até a República Velha:

A dominação oligárquica sempre foi violenta, podendo assumir tanto as formas mais sutis de coerção, quanto procedimentos da maior crueldade, variáveis de acordo com o lugar e a ocasião.(JANOTTI,1981p.54)

No entanto, essas formas de violência podiam variar de acordo com os Estados; Nos menos desenvolvidos, como a Paraíba, os atos de violência eram mais nítidos, pois o poder local era soberano, enquanto que os mais desenvolvidos havia um maior equilíbrio entre os poderes coletivos e individuais, havendo um tipo de violência menos visível.

É importante ressaltar que essa violência tinha um caráter mais imperativo entre os próprios coronéis, tanto nos municípios quanto nos poderes estaduais e federais. Nos municípios o antagonismo era entre os chefes locais pelo poder; havia os coronéis da situação e os da oposição; para os da situação tinha o apoio financeiro, além dos cargos públicos, já para os da oposição restava apenas esperar sua vez de estar no poder, e enquanto isso não acontecia, eles eram perseguidos em suas ações. No que diz respeito aos poderes estaduais e federais essa relação de poder não era diferente; mas, como existia um partido, o republicano, as disputas aconteciam dentro do próprio partido, estas eram entre as grandes famílias e parentelas que formavam as oligarquias dominantes; muitas vezes essas oposições ideológicas e comportamentais surgiam devido a permanência das mesmas famílias no poder, e isso era possível devido aos laços familiares e de casamentos:

A solidariedade política sedimentava-se na solidariedade familiar; o coronel preferia repartir equitativamente os cargos públicos e os votos entre candidatos pertencentes á sua parentela, pois estaria assegurando, assim, a estabilidade de sua permanência na chefia política. (JANOTTI,1981,p.64)

Apesar desse sistema opressor comandado pelos coronéis, a população não era tão passiva quanto parece, ela agia de varias maneiras, tanto com movimentos coletivos como o Quebra-quilos e Canudos, os quais já foram citados, mas principalmente por ações de resistências cotidianas individuais, as vezes ocultas, as vezes não. Visto que essa população subalterna aos coronéis, muitas vezes, até por bom censo, “fingia” aceitar esse domínio coronelístico, e agia no momento oportuno, como explica Luciano Mendonca de Lima:

Não obstante às vezes se tornarem massa de manobra, dentro da lógica da política coronelística tradicional, estes mesmos homens “pacíficos e ordeiros” se transformavam, em certas circunstancias históricas, numa multidão rebelde ou, como diria Thompson ‘o mesmo homem que faz reverencia ao fidalgo de dia-e que entra para historia como exemplo de deferência-pode á noite matar suas ovelhas, roubar os seus faisões ou envenenar seus cães’.(LIMA,2006,p.35)

Essa população dominada admitia ser submissa aos coronéis, porém isso não significava que ela aceitasse essa posição passivamente. A resistência individual diária era mais comum, ações como fugas, roubos, queimações de cercas, até mesmo assassinatos; essas ações fazia mais efeito do que pequenas rebeliões. Essas pessoas subalternas resistiam não com o objetivo de derrubar o sistema coronelístico, o que na época era extremamente difícil, mas tentar sobreviver em meio á tanta opressão. Pois essa resistência dos dominados já acontecia desde os fins do império, como as ações dos escravos, até esses “clientes” dos coronéis durante a primeira República, pessoas diferentes, mas com o objetivo comum: achar uma maneira de sobreviver nessas relações de dominantes e dominados.

O coronel Pedro Monteiro cercou uma área que pertencia a uma viúva e seus cinco filhos. Depois a cerca apareceu queimada. Então, a viúva e um filho foram presos e levaram uma grande surra. Ela morreu vomitando sangue, e o filho ficou aleijado de um braço. Jose Cardoso [compadre da viúva] levou os órfãos a capital do estado para pedir providencias, mas o governo estava do lado do coronel [...] os cinco órfãos foram para São Sebastião do Umbuzeiro. (MARIANO, 1996,p.196.IN: BATISTA,2010,p.159).

Esse fato ocorreu no interior da Paraíba e nos revela claramente o contexto social paraibano onde quem dominava era o sistema coronelístico. O abuso de poder do coronel, onde ele colocava suas cercas além das suas propriedades com o objetivo de tomar as terras dos mais pobres; a possível resistência cotidiana da família em queimar a cerca; e o castigo a esse ato que foi a surra e conseqüentemente a morte da mulher. Mas principalmente mostra que a população dominada não tinha a quem recorrer, pois o Estado, como a polícia, como a justiça, estava do lado e apoiando os coronéis. Por esse motivo

também é que os dominados agiam até com o assassinato desses coronéis, este era o ato mais temido pelos coronéis, pois era praticado em anonimato, na maioria das vezes, e de surpresa:

Severino Rodrigues começou invejando aquela pequena propriedade, e fez varias propostas de compra, mas pela importância que ele mesmo arbitrava. Como Pedro Gomes [o camponês vizinho] recusasse a oferta descabida, Severino Rodrigues começou a abrir as cercas para que o seu gado invadisse as vazantes do vizinho [...] Severino Rodrigues estava derramado em sua cadeira de balanço, palestrando com dois hospede amigos, a esposa e os filhos. As brechas das portas permitiam boa visão aos que estavam de fora[...] apontaram no peito largo do homem e os estampidos foram apavorantes. A não se moveu da cadeira: teve morte imediata [...] o fato estava consumado. Sabiam, pelos motivos, tão claros, que os criminosos eram dali mesmo; e os Gomes foram apontados, embora sem testemunha de vista. (GREGORIO, 1967,p.254,265. IN: BATISTA,2010,p 160).

Isso ocorreu no interior da Paraíba, no município de Pombal, no ano de 1924, esse fato nos mostra bem a violência existente naquele período, o coronel querendo tomar as terras do vizinho, inclusive invadindo a propriedade, e a “vingança”, ou o meio que o vizinho encontrou para resistir á dominação ou ao abuso de poder do coronel. Vale ressaltar a data do ocorrido, pois já estava praticamente no fim da Republica Velha e os traços do sistema coronelísticos ainda era vigente. Mas em resposta á resistência ou á ação da população, vinha os castigos por parte dos coronéis. Estes castigos, ou “disciplina”, que os coronéis, juntamente com a policia, aplicava a esses “rebeldes” eram os mais terríveis possíveis:

Na fazenda Ipueiras de Francisco Chaves Ventura – que também desempenhou a função de subdelegado de Camalaú – uma prensa de preparar algodão servia como instrumento de “disciplina” entre outras técnicas utilizadas. Às vezes pendurava-se o castigado de cabeça para baixo, causando-lhe sérios problemas. Foi o que aconteceu, por exemplo, com um certo cidadão conhecido como “Zé Tapera” que teve de passar uma noite em tais condições[...].(SOBRINHO, 1996,p.222,IN: BATISTA,2010,p.157.)

Como podemos ver, esses coronéis usavam das mesmas práticas que os donos de escravos, depois de muitos anos após a abolição da escravatura, e isso podia acontecer porque simplesmente a policia, ou o delegado, também era comandado pelos coronéis.

Mas as formas de resistência dos dominados não estavam apenas em atos violentos, em mortes, eles também encontraram uma maneira de resistir aos dominantes através de outras formas simbólicas, como o carnaval, no qual usava-se de fantasias para

criticar algo no anonimato; cantorias, que era de alguma forma um desabafo da população oprimida pelo sistema; literaturas de cordel, também como forma de expressar a situação de inconformidade:

Na véspera é uma folia  
Ninguém dorme na cidade  
Tristeza e felicidade  
Ansiedade e agonia;  
Noite transformada em dia  
Parece uma procissão  
Isso me da comoção  
Pois tudo isso eu vivi  
Na cidade que eu nasci  
Isso é dia de eleição

Um coronel na calçada  
Distribuindo dinheiro  
Um doutor bem trambiqueiro  
Defensor de um cambada  
Um politico de faixada  
Com o nome de Deus em vão  
Atrás de tomar o pão  
Gavião na juruti  
Na cidade onde eu nasci  
Isso é dia de eleição

Uma mulher reclamando  
O voto que não vendeu  
"Que foi que houve meu Deus"  
As coisas estão mudando  
Eles é que vinham dando  
Tijolo, telha, feijão;  
Já andei que nem um cão  
E nem candidato eu vi  
Na cidade onde eu nasci  
Isso é dia de eleição

Porque eu devo favor  
 Eu vou votar em fulano  
 Voto nele todo ano  
 Porque ele é meu doutor  
 Quando eu tava com uma dor  
 Ele me deu injeção  
 Só fez sua obrigação  
 E eu me pergunto e daí  
 Na cidade onde eu nasci  
 Isso é dia de eleição

Uma velhota pedindo  
 Um milheiro de tijolo  
 Mocinha vendendo bolo  
 O simples tornando lindo  
 Inda mais quando sorrindo  
 É rosa quando botão  
 E eu senti a sensação  
 Que eu mais moco tava ali  
 Na cidade onde eu nasci  
 Isso é dia de eleição

É um dia especial  
 Com cara de pagamento  
 Com certeza um dia bento  
 Não é um dia banal  
 Meu povo vai se dar mal  
 Mas isso não importa não  
 Um povo sem opção  
 Não sei porque tanto ri  
 Na cidade onde eu nasci  
 Isso é dia de eleição  
 (FERNANDES, 2006,p42-44)

Esse cordel intitulado “Dia de eleição” foi escrito por um poeta em uma cidade no interior da Paraíba e retrata muito bem a inconformidade desse homem com o que acontecia na época, além de mostrar como era o dia de eleição nas cidades no interior do Estado,

como também na maioria das cidades brasileiras na Primeira República. E o cordel foi o meio pelo qual o poeta encontrou para protestar, para revelar ou denunciar essas práticas que tanto lhe incomodava como compra de voto e favores prestados buscando o voto como recompensa. Então, de uma maneira ou de outra, a população achava uma forma de resistir e até mesmo de sobreviver ao sistema coronelístico.

Fizemos essa ínfima análise para entendermos que, apesar do clientelismo já existir na Monarquia, não podemos considera-lo como coronelismo, pois este veio a existir, realmente, na Primeira República:

Mesmo com toda semelhança, não podemos comparar rigorosamente o patriarcalismo colonial e monárquico com o coronelismo da Primeira República, (1889-1930), embora o coronelismo carregue traços dos antigos senhores proprietários de latifúndios. (FERNANDES, 2006, p27)

Entendemos também que a política de parentela, sempre foi muito forte em todo o Brasil, mas principalmente na Paraíba; as relações sempre sendo as mesmas, os mais poderosos mandando, inclusive, as mesmas famílias permanecendo de geração á geração, como Linda Lewin afirma: "...relações de parentesco e política na Paraíba, a lista das famílias dominantes no Império pode ser comparada com as dominantes na República Velha."(LEWIN,1993,p.186). O compromisso eleitoral tanto no Império como na República era baseado no medo e em troca de favores:

No Brasil republicano, a base da vida publica não era o cidadão, mas o coronel. Nestas circunstâncias, o voto tinha um sentido completamente diverso daquele imaginado pelos legisladores. Não se tratava do exercício do autogoverno, do direito de participar na vida política do país. Tratava-se de uma ação estritamente relacionada com as lutas locais. O votante não agia como parte de uma sociedade política, de um Partido político, mas como dependente de chefe local, ao qual obedecia com maior ou menor fidelidade. O voto era um ato de obediência forçada, ou na melhor das hipóteses, um ato de lealdade e de gratidão. (FERNANDES, 2006,p.41)

Parte da política do Império permaneceu no início da República, com poucas mudanças, pois as oligarquias e os coronéis permaneceram dominando tanto no campo político quanto no econômico, ampliando e fortalecendo, assim, o poder público. Porém, podemos perceber também que apesar da maioria das bibliografias colocar a população como sendo passiva e totalmente submissa a esse sistema, havia a resistência dessa população "dominada" expressa de várias formas.

### 3. CORONELISMO EM BARRA DE SANTANA/PB

Neste capítulo buscaremos abordar o coronelismo, ou a imagem do coronel construída pela população, tanto as pessoas com nível socioeconômico médio, pessoas que tinham contato direto ou mais próximo com a família dos coronéis, como também a imagem construída desses coronéis a partir da perspectiva dos “de baixo”, ou seja, a classe social menos favorecida economicamente. Para isso, iremos tomar como objeto de estudo a família Heráclio do Rêgo, família de coronel bastante conhecida, e seu agir na cidade de Barra de Santana-PB, a qual no período estudado ainda pertencia a cidade de Cabaceiras. Neste estudo analisaremos algumas entrevistas de pessoas que encontram-se entre a classe média e baixa, pessoas naturais da cidade que conheceram e conviveram com a família Heráclio do Rêgo.

O coronelismo, como sabemos, foi um fenômeno que ocorreu em todo Brasil. Alguns historiadores defendem que este ocorreu nos tempos da primeira República (1889-1930), outros defendem que foi mais além; porém sabemos que o coronelismo não foi um fenômeno homogêneo, ele não ocorreu da mesma forma nem ao mesmo tempo em todo país, pelo contrario em algumas regiões ele desfaleceu mais cedo, em outras, como a Nordeste, em especial a Paraíba, ele se manteve até por mais tempo. Pois, após a revolução de 30, o voto tornou-se secreto e mais difícil de ser controlado; o eleitorado aumentou com a incorporação do voto feminino; e a preponderância dos líderes rurais diminuiu perante o crescimento do eleitorado urbano. Neste trabalho iremos nos deter á Paraíba, especificamente á Barra de Santana, remetendo, algumas vezes á Limoeiro-PE.

#### 3.1 Barra de Santana, espaço de realização das pesquisas

Barra de Santana era uma região habitada pelos índios pertencentes a grande nação dos Tapuias, cujos vestígios Históricos encontram-se nas pinturas rupestres do sítio arqueológico da Pedra do Altar, á margem direita do rio Paraíba, localizado a 14 km da sede do município. Também é importante ressaltar que em fins do século XVII, com as expedições que visavam a exploração das terras do interior da Paraíba, ocorreram nessa região as tradicionais formações de núcleos populacionais, os quais eram constituídos de senhores escravocratas que apossavam-se das terras dos indígenas, além de escravizá-los. Segundo relato oral<sup>12</sup>, os colonizadores de Barra de Santana foram holandeses vindos de Bom Jardim-PE. E o primeiro sobrado existente pertencia a um senhor proprietário de escravos, e, como parte do ofício dos desbravadores era propagar a religião católica,

---

<sup>12</sup> Relato do entrevistado Antônio Gomes de Aquino, entrevista em outubro de 2010.

trataram logo de construir uma capela para santa Ana. Desse modo, as primeiras habitações surgiram da construção desse templo, em terras doadas pela família Alvino, cuja edificação da capela atribui-se ao padre Ibiapina, que lhe dera como padroeira a imagem da santa Ana. Seu primeiro nome foi Barra de Bodocongó e foi-lhe atribuído pela sua localização á margem esquerda do rio Bodocongó, como também por ser palco do encontro dos rios Paraíba e Bodocongó. Posteriormente passou a ser chamada Vila de Bodocongó. Por volta do ano de 1864, a então vila passou a condição de sede do município de cabaceiras. Com emancipação do município de Boqueirão, a vila passou a condição de Distrito do mesmo município. Somente em 29 de Abril de 1994 veio oficialmente a denominar-se Barra de Santana, em homenagem a padroeira. Hoje, Barra de Santana está situada a 162 km da capital João Pessoa, é um município cortado pela BR 104 que liga Campina Grande a Caruaru e está localizado no Cariri oriental Paraibano. A estrutura produtiva deste município apresenta uma vocação natural para a agropecuária, predominando a cultura de subsistência em função de uma estrutura fundiária alicerçada em pequenas propriedades com áreas de aproximadamente 20 hectares. Porém, em sua rede urbana, destacam-se, ainda que timidamente, as atividades comerciais. A base econômica do setor rural sustenta-se nas atividades de pecuária extensiva, principalmente as criações de bovinos, suínos e caprinos, sendo a criação de bovinos e a produção de leite e de seus derivados o maior destaque.<sup>13</sup>

### **3.2. A família Heráclio do Rêgo**

Analisar o coronelismo em Barra de Santana é sinônimo da vida política da família Heráclio do Rêgo, a família coronelística mais conhecida nessa região. Esta é de origem holandesa e nas grandes navegações veio e instalou-se em Pernambuco, mais precisamente em Limoeiro. Mas um dos filhos dessa família, João Heráclio do Rêgo, veio em 1840 para Paraíba procurar um lugar onde pudesse se solidificar e crescer economicamente, e para isso residiu em um lugar chamado Salinas, região pertencente a Barra de Santana, talvez por sua posição geográfica privilegiada, principalmente com o aparecimento do algodão. Em Salinas, João Heráclio, mais conhecido como Joca das Salinas, construiu seu patrimônio, tornando-se um grande proprietário de terras; uma de suas casas ainda hoje existe, e este lugar onde essa família viveu ainda mantém algumas propriedades, é conhecido hoje por Salinas dos Heráclios.

---

<sup>13</sup> Informações do Perfil Municipal de Barra de Santana(Prefeitura Municipal)



Figura 1. A casa de joca das salinas, deixada para o seu neto, o coronel Chico Heraclio do Rêgo, fotografia tirada em 26 de agosto de 2010.



Figura 2: esta é a casa de Francisquinho, filho do coronel Chico Heráclio em Salinas dos Heráculos. Fotografia tirada em 26 de agosto de 2010.

A **figura 1** é a foto da casa do coronel Chico Heráclio, ela pertencia ao seu avô, Joca das Salinas; a casa é construída com pedras e ainda está em bom estado de conservação, com exceção do telhado que está mais deteriorado. Podemos perceber que ao ser comparada com as casas grandes de engenhos, esta é bastante simples, mas é importante lembrar que esta é apenas uma casa em meio a tantas outras que o coronel tinha em outras regiões. A **figura 2** é a casa do filho do coronel Chico, conhecido em Barra

de Santana por coronel Francisquinho, a casa está em ótimo estado de conservação, contem todos os moveis e objetos dele, inclusive roupas, ele morava nesta casa até sua morte, após isto a viúva e seus filhos foram morar em Limoeiro-PE, porém ainda hoje fazem visitas as casas, as quais são cuidadas por um morador, o mesmo mora em uma casa próxima, e foi este morador que nos recebeu quando fomos tirar as fotos. Estas casas são bastante visitadas tanto por curiosos como por pesquisadores que se interessam em conhecê-las. Neste lugar Joca teve seus filhos, entre eles João Heráclio, e este teve os seus, que entre eles estão Jerônimo Heráclio e Francisco Heráclio, mais conhecido por Coronel Chico Heráclio. Esta família coronelística marcou sua época, com seus costumes e suas peculiaridades.

A família Heráclio do Rêgo, tinha como principais características: a preservação dos nomes, com o objetivo de homenagear seus ancestrais. Por isso sempre a repetição dos nomes e sobrenomes; preservação do sangue através da união entre primos legítimos, entre tios e sobrinhas, ou seja, o casamento endogâmico, isso com o objetivo de evitar a dispersão dos bens e conservar a pureza do sangue de origem nobre, além de preservar e reforçar os laços familiares e garantir a maior concentração da herança. O casamento exogâmico, ou seja, fora da família, ocorria apenas se fosse com o objetivo de ampliar a aquisição de outros bens, ou seja, se fosse para formar uma aliança política e econômica maior e mais forte, adquirindo um maior prestígio.



Figura 3: Foto retirada do livro: REGO, André Heráclio do. "Família e coronelismo no Brasil", 2008.

A **figura 3** é uma fotografia do casamento de uma irmã do coronel Chico Heráclio; como podemos observar na foto o casamento é um momento onde se reunia toda a família, onde renovavam-se acordos e formavam-se novos, momentos em que se reafirmava o poder, tanto econômico quanto político, da família, um momento para ser registrado em fotos como esta. Os casamentos sempre eram arranjados, fosse entre primos, tios e sobrinhas, ou com outra pessoa, ocorria apenas de acordo com os objetivos dos pais, muitas noivas casando-se forçadas. Porém, a noiva casar-se á força não era regra geral, pois por não ter muitas opções, a convivência era mais entre a família, as mulheres acabavam agradando-se de seus próprios primos e tios mesmo, assim pode-se dizer que na maioria das vezes as filhas e os pais estavam em comum acordo.

O casamento endogâmico não só beneficiava a família como também beneficiava a igreja. Pois para realizar este tipo de casamento a família tinha que comprar uma licença/dispensa á igreja, o que não custava tão pouco:

O matrimônio era, portanto, objeto de importantes interesses políticos e econômicos, não somente por parte da família, mas também da igreja. Transformou-se mesmo em símbolo de importância e marca de diferenciação social. É por isso que o fato de solicitar dispensas para casamentos consanguíneos revelava uma posição elevada na hierarquia da sociedade, pois as providências pra tanto ocasionavam custos elevados. (RÊGO, 2008, p53).

Porém, esse custo não significava muita coisa para a família Heráclio, a qual sempre valorizou esse tipo de casamento e estava em permanente crescimento econômico. Então para alguém que não tinha nenhum grau de parentesco entrar na família era algo bastante inusitado com exceção dos casamentos que traziam suas vantagens, como aumentar o patrimônio econômico e melhorar o prestígio político.

Outra característica, talvez a maior e mais marcante, da família Heráclio do Rêgo era a vocação política; raramente um Heráclio não se interessava pela política. Esta família participou da política paraibana e pernambucana. O coronel Francisco Heráclio do Rêgo foi o pioneiro na política, o neto de Joca das Salinas, teve como princípios os mesmos de seu avô, um homem determinado, rude, que não admitia desvantagens em qualquer situação, hoje poderia dizer que ele era um homem contumaz e intransigente, pois não aceitava opiniões contrárias às suas. Chico e seu irmão Jerônimo Heráclio dominaram a política em Limoeiro a partir de 1920 e em Barra de Santana, principalmente a partir de 1940, ocasião em que Ernesto Heráclio entrou para política em Cabaceiras. Portanto, tanto no campo familiar, como no político, essa família demonstrava, em seus atos, como era ser um verdadeiro coronel:

Os coronéis, como salienta Heráclio do Rêgo, sabiam usar os "favores da lei para os seus amigos" e "as penas das leis para seus inimigos". Tinham o cuidado de não perder eleições em seus municípios, reunindo sempre que podiam numerosos deles; em ocupar cargos públicos importantes por eleição ou por nomeação; de exigir obediência cega dos seus eleitores; de alargar as terras de que dispunham e de combater os inimigos que disputavam com eles os espaços políticos e econômicos. (RÊGO, 2008 p.11)

Essas particularidades marcam a família do coronel Chico, um homem que entrou para política e não conhecia o significado de derrota; um verdadeiro coronel que mostrava seu poderio econômico com suas grandes propriedades, e político, seja através dele próprio como candidato ou apoiando outro. Apesar de seu comando ser maior em Limoeiro, os irmãos Francisco e Jerônimo Heráclio mantinham sua forma de dominação em Barra de Santana, eles tanto viviam em uma como em outra cidade, já que possuíam muitas propriedades nos dois lugarejos. Esses irmãos tornaram-se conhecidos nessas regiões principalmente por sua violência e brutalidade. Em 1929, enquanto que o mundo passava por crises na economia, Francisco Heráclio estava vivendo um período de crescimento e comprou a patente de coronel da Guarda Nacional e Jerônimo comprou a de capitão, mas também era conhecido por coronel; depois dessas patentes seus atos de violência cresceram consideravelmente; por pouca coisa sua intolerância se manifestava:

Durante a festa de São Sebastião em Limoeiro, na segunda semana de Janeiro, circula um jornalzinho jocoso, que mexe com todo mundo... As matérias versavam sobre acontecimentos ocorridos durante o ano que se findou e abrangem os políticos, as mancadas...Naquele ano de 1926, o celebre jornal da festa publicou numa de suas paginas, uma pequena nota- "cuidado Tico que o sol te queima"...Na segunda-feira Jerônimo Heráclio veio a Limoeiro, pegou o pseudo jornalista, deu-lhe uma tremenda surra e fê-lo engolir a pagina do jornal onde havia sido publicada a nota.(HERÁCLIO,1979,p.63/64)

Essa passagem está em um livro, semelhante a uma biografia, escrita por um dos filhos do coronel Chico, Reginaldo Heráclio, e revela um pouco da violência e dos abusos cometidos por Jerônimo Heráclio, dessa vez em defesa do irmão Tico (coronel Chico). Francisco Heráclio ainda era mais violento; tinha diversos capangas, como todo coronel, para fazer seus serviços, entre eles está "Zé Vigia", conhecido também por "Mão do arrocho", o mais conhecido e temido capanga de Chico Heráclio:

Chamado por Chico Heraclio de "Zé Vigia", que viria a se tornar, pela sua lealdade, pela sua coragem e por sua dedicação ao chefe, o mais celebre homem de confiança de Francisco Heraclio do Rêgo.(HERÁCLIO,1979.p.58).



Figura 4: fotografia retirada do livro: HERÁCLIO, Reginaldo. "O Último Coronel", 1979.

Como podemos observar, a **figura 4**, fotografia tirada do capanga "Zé vigia," é uma imagem que retrata bem o papel que ele exercia, uma boa estatura, aparência de homem bravo, violento, com uma arma em sua cintura mostrando a autoridade que ele tinha, esta imputada pelo coronel Chico Heráclio. Então este era um dos que resolviam as situações que fugiam as regras de convivência estabelecidas pelo coronel através da violência e intimidação. Assim, naquele período quando os coronéis não queriam fazer o trabalho ilícito, eles tinham seus homens de confiança, leais, que faziam todo o serviço, essa prática era comum a todo coronel. Outro ponto que marca bastante a vida dos Heráclios, como também de outros coronéis, era as relações de compadrio:

... o compadrio tem outras funções além das espirituais (que seriam assegurar a instrução religiosa, sobretudo a igreja católica): socializar as crianças, estabelecer laços entre pessoas da mesma classe ou de classes sociais diferentes, atender as necessidades da família, garantir trabalho, abrigo, etc. As relações por ele consagradas funcionavam em mão dupla: na maior parte das vezes era o padrinho que fornecia ajuda e proteção aos afilhados e compadres, mas esses também o ajudavam, ao trabalhar para ele sem cobrar, ao executar tarefas graciosamente, ao votar em seus candidatos, entre outros.(RÊGO,2008.p.48)

Podemos dizer, assim, que nessas relações de compadrio, ambos os lados obteriam vantagens, contudo, vale salientar que essas relações eram assimétricas, ou seja, uma relação de desigualdade entre as partes. Na mesma proporção que aumentava o número de seus afilhados, aumentava os votos e o número de pessoas trabalhando para ele, os afilhados e compadres em troca tinha proteção e ajuda quando necessário. Pode-se dizer também que toda criança, ou a grande maioria, tinha seus padrinhos escolhidos de acordo com suas necessidades; a escolha era feita por meio de estratégias de promoção ou elevação social. Isto é, o compadrio tanto era uma forma do coronel se eleger publicamente, como também era uma forma dos afilhados conseguirem uma pequena elevação no meio social. Isso era uma realidade na vida dos coronéis, inclusive na vida de Chico Heráclio:

Levando em conta que em 1972, o próprio coronel afirmava que tinha uns 10.000 afilhados, em 1945 este número devia andar pela metade. A maioria era filhos de homens simples, humildes, que trabalhavam no campo, completados por filhos de pequenos fazendeiros e gente pobre da cidade. O afilhado obviamente não era eleitor, mais seus familiares eram. Calculando-se por baixo três adultos por família que podiam votar, já temos ai 15.000 votos... Esta é na realidade a base eleitoral de Chico Heráclio, que os sociólogos tanto discutem e estudam. (HÉRACLIO, 1979. p. 81)

Sabemos que nestes números pode haver exageros por parte do autor, porém, devemos perceber o quanto era importante essas relações de compadrio no sistema coronelístico. Importantes também são as relações proporcionadas pelo clientelismo; nessas relações estão incluídas as trocas de favores, os empregos, as coberturas contra a polícia, e as plantações nas suas inúmeras propriedades; vale salientar que não eram gratuitas, pois o coronel recebia a recompensa por quinzena. Essas relações eram normalmente realizadas entre pessoas de classes sociais diferentes:

Uma de suas principais características é a desigualdade entre as partes: o clientelismo, com efeito, pressupõe uma relação vertical entre dois níveis da hierarquia social. Outras características são a reciprocidade e a espontaneidade: o clientelismo se fundamenta, de um lado, na reciprocidade de dons entre o patrão e o cliente (proteção versus serviços, por exemplo) e, de outro, na vontade das duas partes, nem o patrão nem o cliente são obrigados a esse relacionamento; ambas as partes são livres (ao menos em teoria) para fazê-lo ou não. (REGO 2008, p. 73)

Sabemos que na grande maioria das vezes, essa liberdade é apenas na teoria, pois na prática era bem diferente, as pessoas muitas vezes não tinham outra opção a não ser trocar seu voto por "proteção", em muitas ocasiões protegendo-se do próprio coronel, então

não existia a liberdade de escolha, ou o cliente adequava-se a realidade do coronel ou não teria o mínimo de “assistência” oferecida pelo mesmo, ao contrário estaria como adversário dele, o que na época não era muito comum.

Outra característica que marca a vida dos coronéis, em especial coronel Chico Heráclio e até mesmo de Ernesto Heráclio, é a utilização da propaganda pessoal para glorificar a sua imagem. E para isso o coronel Chico utilizava-se da imprensa, principalmente a partidária, de jornais, de entrevistas e boletins, de fotografias, das músicas de campanha, as quais ainda hoje são utilizadas pelos políticos, além de literatura de cordel:

Oh! Povo de Pernambuco  
 Apoias um brasileiro  
 ilustre pra seu governo  
 Do seu estado altaneiro  
 Votando em Francisco Heráclio  
 O maior de Limoeiro

Qualquer pobre que estiver  
 Passando por privação  
 Procurando o coronel  
 Melhora a situação,  
 Com ele tem uma coisa  
 É não gostar de ladrão.

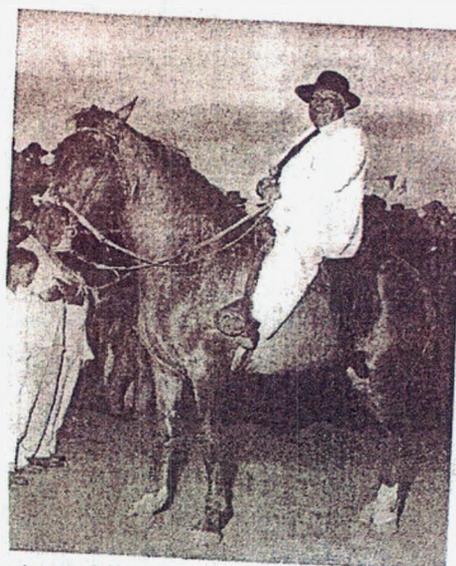
Um cidadão dessa espécie  
 Nunca que pode ser mau  
 Pois abraça a todo mundo  
 De praciono ao curau  
 Chegando lá é valido  
 Pois com ele o trunfo é pau.

A sua candidatura  
 Sendo que ele a aceite  
 Se for eleito é provável  
 Que ele a tudo endireite,  
 Com certeza baixará  
 Também o preço do leite.

Esse cordel foi escrito para as eleições de 1952, e mostra como esse meio, de propaganda, entre outros, era usado para enaltecer a figura do coronel perante a população. Outro meio bastante utilizado era a fotografia:



Figura 5: Foto retirada do livro: HERÁCLIO, Reginaldo. "O Último coronel", 1979.



Francisco Heráclio em pose eqüestre, nos anos cinquenta.

Figura 6: Retirada do livro: RÊGO, André Heráclio. "Família e coronelismo no Brasil", 2008.

As **figuras 5 e 6** são fotos do coronel Francisco Heráclio, a primeira era utilizada em suas campanhas eleitorais, um homem sorridente pronto a ajudar, a segunda o coronel em uma pose mais de supremacia, talvez para mostrar seu poderio econômico, pois está montado em um belo cavalo, e isso na época era considerado como patrimônio, evidenciando os traços de um coronel, o chapéu na cabeça e bem vestido. Nesses métodos de promover a se mesmo, o coronel tentava passar para o povo a imagem de um homem benevolente, que estima a população, fiel, amigo da justiça, para quem não havia diferença entre pobres e ricos; assim, eles passavam a imagem de um líder, um herói, um personagem, uma lenda. Com esses meios de divulgação os coronéis conseguiam mais prestígio junto aos seus aliados, além da admiração dos populares.

O coronel Francisco Heráclio do Rêgo, ou simplesmente coronel Chico, com todas essas características, viveu intensamente a política, de 1922 até a sua morte em 17 de dezembro de 1974, isso com 89 anos de idade. Como também seu sobrinho Ernesto Heráclio, que entrou para política em Barra de Santana em 1940, permanecendo mais de 40 anos no poder.

IMAGENS



Casa-grande da fazenda Mirador, hoje em dia submergida pelas águas do açude de Boqueirão, nos anos trinta. Vê-se Ernesto Heráclio do Rêgo e sua esposa Edite e, em baixo, seus três filhos ao lado de uma empregada.

**Figura 7: imagem retirada do livro: RÊGO, André Heráclio. "Família e coronelismo no Brasil", 2008.**

A **figura 7** é a fotografia da fazenda Mirador, em Boqueirão, nos anos trinta pertencente a Ernesto Heráclio do Rêgo; na varanda está Ernesto Heráclio e sua esposa, e em baixo está seus três filhos e uma empregada. Esta fotografia representa também um

meio de mostrar poder econômico, mostrando a estrutura da casa-grande, com um automóvel em frente à casa e a empregada. Hoje esta fazenda é submergida pelas águas do açude de Boqueirão. Porém nela morou o homem que passou mais tempo no poder em Boqueirão, conseqüentemente em Barra de Santana.

### **3.3 A imagem do coronel construída a partir de uma perspectiva mais elitizada**

A imagem construída pelas pessoas entrevistadas mais próximas da família do coronel Chico Heráclio, é a imagem de um homem bom, correto, um homem poderoso que tratava todas as pessoas bem.

Eu acho que não havia maiores conseqüências não no tratamento porque também o coronel Chico porque tinha o nome de coronel não era esse absurdo não, não existia absurdo nem por ele nem pelas pessoas dele, na verdade ele sobrepunha com aquele jeito de coronel. (Vital Farias de Arruda, 77 anos, tabelião aposentado, entrevista concedida em 08 de novembro de 2010.)

Essa foi a resposta dada pelo senhor Vital Arruda quando perguntado sobre o tratamento do coronel para com a classe mais popular. Para ele não existia absurdo nesse tratamento, ou seja, ele aceitava como sendo natural a maneira que o coronel tratava as pessoas que considerava inferiores a ele. A entrevista com o senhor Vital Arruda foi realizada no cartório Elias Farias, pois apesar de aposentado ele ainda visita com frequência o estabelecimento, por volta das 8 horas da manhã de um domingo, horário que ele mesmo escolheu. No início da entrevista ele estava um pouco tenso, mas foi ficando sem constrangimento e ao final da entrevista ele expressou sua emoção lembrando seu passado político em Barra de Santana. Porém, é imprescindível ressaltar que a todo instante no decorrer da entrevista tentava passar que a postura do coronel Chico era de um homem correto e poderia sobrepor-se as demais pessoas; como também passar a imagem que no sistema coronelístico não existia violência, fraudes, resistência, conforme os estudos nos mostra. Perguntado a respeito das fraudes nas eleições e a violência existentes naquela época, ele responde:

Essa história de fraudes são pessoas desocupadas que não contribuíram com nada no passado e ficam lembrando história que já passou sem viver...Não, os coronéis na verdade, ninguém pode tapar o sol com a peneira, existia uma coação, mais não era esse estardalhaço que a História mostra. (Vital farias de Arruda, 77 anos, tabelião aposentado, entrevista concedida em 08 de novembro de 2010.)

Durante toda a fala do entrevistado podemos perceber, a intenção do mesmo em suavizar o que de fato ocorria naquele período do coronelismo, chegando ao ponto de ser defensor dos coronéis, especialmente do coronel Chico Heráclio. Entretanto compreendemos essa imagem que o entrevistado tenta transmitir quando vemos sua proximidade com os Heráclios e por sua família, na época, pertencer a uma classe social mais elevada, como também por sua participação na política. Por isso podemos dizer que ele está defendendo sua própria classe, mesmo sabendo que está sendo contrário a História, inclusive opinião contrária a do próprio André Heráclio do Rêgo, neto do coronel Chico Heráclio, o qual a respeito das eleições comenta:

Durante a República velha e como o voto era descoberto, fácil era saber quem votava a favor, quem votava contra, e adotar as atitudes pertinentes em cada caso. A possibilidade de direcionar o resultado das eleições era mais forte, já que bastava controlar os boletins e as listas eleitorais, que aceitariam todas as injunções das necessidades políticas do coronel. Apareciam assim as votações quase unânimes de determinados candidatos. (RÊGO, 2008, p. 97)

Sabemos que as fraudes eleitorais era uma constante na República velha, e foi até aproximadamente 1950 em Estados menos desenvolvidos como a Paraíba. Os coronéis tinham o conhecimento de que venceriam o pleito e procuravam as melhores estratégias a fim de que isto fosse um fato consumado, sem contar com aquelas em que não havia oposição, e isso ocorria na maioria das vezes. A opinião do entrevistado, Vital Arruda, deve-se ao fato de ele ser também político, portanto para ele que vivia nesse contexto, nada mais natural do que os mais poderosos ganhar as eleições. E para os coronéis não era o suficiente apenas ser eleitos, mas precisava também adquirir prestígio da população:

A liderança dos coronéis possuía dessa forma um aspecto tradicional, pois o eleito somente seria um grande chefe se provocasse a adesão afetiva e entusiástica dos homens, deles conseguindo uma obediência espontânea, qualidade essa que se reforçava a solidariedade interna do grupo...O verdadeiro coronel aquele que possuindo ou não o título, assim era considerado por suas gentes, por seus aliados e mesmo por seus adversários e inimigos. Essas qualidades pessoais exerciam um papel talvez mais importante na configuração de um coronel que a riquezas ou as boas relações com os partidos políticos no poder. (REGO, 2008 p.67/68)

O coronel Chico Heráclio, como também seu irmão Jerônimo e seu sobrinho Ernesto Heráclio, conseguiram esse prestígio em Barra de Santana, durante toda sua

trajetória política. Mantinham seus currais eleitorais através de sua demonstração de poder, seja por métodos coercitivos ou não, através de seu poder econômico ou através de suas qualidades pessoais:

A liderança dos coronéis corresponde portanto a um conjunto de condições de natureza distinta: de um lado um certo poderio econômico, que geralmente, mas não obrigatoriamente, traduz-se pela riqueza fundiária e lhes permite enfrentar as despesas causadas por seus dependentes e o custo de seu consumo suntuário (belos cavalos, automóveis, etc) , tão essencial a construção de seu prestígio; de outro, as qualidades , pode-se dizer mesmo que espirituais, que lhes permitem exercer essa liderança, tanto menos contestada quanto mais espontânea acontece. Essas duas condições, às quais se alia, na maior parte dos casos, a pertença a uma organização familiar poderosa e prestigiosa, permitem aos coronéis estabelecer os laços políticos e partidários indispensáveis ao seu domínio. (RÊGO,2008,p69)

A família do coronel Chico Heráclio tinha essas características, um grande patrimônio fundiário, grande poder econômico e uma notória “admiração” de seus companheiros e até mesmo das classes mais populares, conseguindo permanecer no poder durante muito tempo, como também adquirindo prestígio junto as pessoas, estas chegando a defendê-los, como é o caso do entrevistado Vital Farias de Arruda.

### **3.4 . A imagem do coronel construída a partir da perspectiva dos “de baixo”**

A família é uma família é muito grande, de força, braba, boa e forte mesmo, nem o governo do estado podia com eles...( João Araújo do Rego,84 anos, agricultor aposentado, entrevista concedida em 26 de Outubro de 2010.)

O coroné era um homem corajoso, trabalhador mais era perigoso. (João Horácio, 82 anos, agricultor aposentado, entrevista concedida em 08 de Novembro de 2010.)

Estas frases retratam bem a imagem que as pessoas pertencentes á classe mais popular, ou menos favorecidas, construíram do coronel Chico Heráclio e sua família. A imagem de um homem perigoso, poderoso e que ninguém se sobrepunha a ele.

O senhor João Araújo do Rêgo, como o próprio nome sugere, fazia parte dessa família coronelista, apesar de na compor o mesmo status social do coronel, era muito próximo a família Heráclio do Rêgo. A entrevista foi realizada em sua casa, situada em Salinas, município de Barra de Santana, ele não demonstrou nenhum constrangimento e não se intimidou em falar sobre alguns pontos. Ao ser perguntado sobre a ocorrência de violência por parte dessa família, o entrevistado deixa clara a situação:

Era de mais, vixe era de mais...quando ficava brabo, era uma fera...Era de mandar dar surra até matar, tanto o coroné Jerônimo, como o coroné Chico... e coroné Chico ainda era pior, ele tinha um tal de "Zé vigia", que já tinha nome, e a vida era matar gente e se mudar de um canto para outro, não matou só 20 não.(JOÃO ARAUJO DO RÉGO,84anos, agricultor aposentado, entrevista concedida em 26 de Outubro de 2010.)

Essas atitudes conforme descreve o entrevistado eram correntes no cotidiano dos coronéis. O outro entrevistado, João Horácio, é um homem do campo. Era amigo de um capanga do coronel Chico Heráclio, frequentou sua residência por diversas vezes na companhia de seu amigo, por isso conhece muito bem os serviços que esses homens faziam. A entrevista foi realizada em sua casa, a principio não queria fazer nenhuma declaração, talvez porque houvesse outras pessoas no local, mas ao passo que conversávamos decidiu expor suas recordações e impressões a cerca do sistema coronelístico, mesmo com temor. Ao ser perguntado sobre a violência nas eleições, negou a existência do voto de cabresto, como também a troca de favores, no entanto o que ele fala em outra passagem demonstra bem essa forma de clientelismo, existente naquela época:

... não, não era obrigado a votar não, eu votava muito na Barra em Ernesto...não, dava não senhora, só votava pelo respeito..."eu não sei de que jeito ele ganhava, só sei que a eleição ele ganhava... quem disputava com ele era só pra perder, todo mundo perdia pra ele."(JOÃO HORACIO,82 anos, agricultor aposentado, entrevista concedida em 08 de Novembro de 2010.)

Essas passagens apresentam claramente o clientelismo e o curral eleitoral existente nesse período. Já que durante a entrevista, o Sr. João Horácio afirmava que "Ernesto Heráclio era mesmo que ser um pai". Ou seja, havia verdadeiramente a relação patriarcal de acordo com o que já estudamos. Observamos ainda por meio de seu discurso e por uma fotografia exposta em sua residência que o seu fascínio por Ernesto ainda permanece. Em um dialogo após a entrevista oficial, o Sr. João e sua esposa relatam e ostentaram a assistência que Ernesto prestava a sua família: "...ele deu todo o telhado da minha casa, mim deu feiras, e por isso minha filha é que agente vota no candidato que ele apoiava, Carlos Dunga." Portanto, existia uma troca de favores, assim verificamos a existência de um compromisso sólido entre essa família e o político Ernesto Heráclio. Assim, podemos conjecturar que da mesma forma que os coronéis, como Chico Heráclio ganhava as eleições e se mantinham no poder com os seus currais eleitorais, Ernesto Heráclio, sobrinho do Coronel Chico, também se manteve 40 anos dominando a política em Cabaceiras e Boqueirão, consequentemente em Barra de Santana.

Ao ser perguntado se ele conheceu alguém que não gostava do coronel Chico, o entrevistado respondeu:

Eu conheci, morreu. Foi Artur o nome dele...morreu de pau, porque ele falou do coroné na política, ele queria ganhar na marra. Um homem pobre daquele queria ganhar de um homem rico como o coroné Chico... aí o coroné Chico mandou acertar ele.(João Horacio,82 anos, agricultor aposentado, entrevista concedida em 08 de Novembro de 2010.)

Nessa afirmação o Sr. João nos relata dois aspectos importantes para nossa pesquisa: primeiramente, que o Coronel não aceitava adversários, não permitia que ninguém fosse contra ele em sua região de comando, isso se confirma em uma passagem do livro escrito por um dos filhos de Chico Heráclio:

Em Limoeiro, no dia da eleição, lá pelas nove horas da manhã, o coronel foi avisado de que dois estranhos estavam "passando chapas" na secção da sociedade beneficente, na rua da matriz. Dirigiu-se imediatamente para lá e encontrou-os: -que vocês estão fazendo aqui?-estamos distribuindo cédulas do nosso candidato... aqui em Limoeiro não meu filho. Tome dinheiro pra passagem e pro almoço e vão pra Carpina ou Paudalho .-mas cidadão, estamos numa democracia, valida no Brasil inteiro... Aqui não... Lá pelas 13:00horas chega um cabo eleitoral de Chico Heráclio: -coroné, os comunistas tão passando chapa ainda. Chico Heráclio pegou o carro...três soldados e foi atrás dos "maluvidos"...os soldados exageraram, além do banho e de uma sova, raspam as cabeças e prenderam os dois partidários...(HERÁCLIO,1979,p.83/84)

Portanto, os currais eleitorais existiram em certas regiões até mais tempo, pois essa situação ocorreu nas eleições de 1945. Em Barra de Santana não era diferente de Limoeiro, os currais eleitorais, e outras práticas comuns do coronelismo perduraram por longo tempo. Ao analisarmos que Ernesto Heráclio entrou na política em cabaceiras na década de 40 e permanecendo por quarenta anos no poder. Assim sendo, não podemos afirmar que o sistema organizacional do coronelismo seguia-se. Todavia mantia-se algumas características nesta região.

Outro aspecto bastante relevante que o entrevistado João Horácio nos apresenta é o fato de alguém ter resistido a dominação do coronel Chico Heráclio; a pessoa de nome Arthur, um homem pobre, como diz o entrevistado, resistiu ao domínio do coronel; pois sabemos que existia variadas formas de resistência e ações contra esse sistema:

A partir dos conflitos observados, podemos compreender que os camponeses, de acordo com a situação específica que enfrentavam, se posicionavam, estrategicamente, desenvolvendo ações de contestação á dominação, mesmo

que suas atitudes em momentos específicos não se tornassem evidentes. Analisando os conflitos, observamos a existência de uma diversidade de ações com características da resistência cotidiana, ações estas, que contribuíram para a reprodução social dos camponeses. (BATISTA, 2010, p. 242.)

Assim como os camponeses supracitados encontravam uma maneira de resistir aos abusos dos latifundiários, a população também encontrava diversas maneiras de resistir aos domínios dos coronéis, mesmo sabendo que havia a possibilidade de receber alguma punição por isso. Apesar de perder a vida, como no caso do homem citado pelo entrevistado, as pessoas mostravam sua inconformidade com o sistema coronelístico, com isso deixavam suas marcas de coragem para outras pessoas ver que não se deve aceitar tudo que nos impõem.

Outra forma de resistência que o entrevistado nos apresenta é o fato das pessoas resistirem a forma de dominação que se dava através da tomada de terras da classe menos favorecida; ou seja muitas famílias ricas, sendo ou não coronéis, quando queriam expandir suas propriedades, tentavam comprar as terras vizinhas de pessoas mais carentes e quando não conseguiam, as expulsavam de alguma forma. Esse tipo de dominação também era comum em Barra de Santana:

... teve um tempo que a família do Dr. Otavio Amorim queria tomar as terras da minha sogra, dona Cacionila, queria porque queria, e aí mandou um aviso pra ela desocupar a casa em trinta dias, e ela não tinha o que fazer, aí foi pedir ajuda ao coroné Francisquinho, filho do coroné Chico, falou com ele e ele resolveu o negocio e não deixou Dr. Otavio tomar as terras dela. (JOÃO HORACIO, 82 anos, agricultor aposentado, entrevista concedida em 08 de Novembro de 2010)

A família do Dr. Otavio Amorim era uma família de grande influencia na cidade, e como era habito naquele período, quis tomar as terras de dona Cacionila, uma agricultora, porém, segundo o que foi relatado, ela não cedeu as opressões e buscou o auxilio do filho do coronel. Naquela época, uma das formas de resistência era ir a procura da proteção de uma outra família mais poderosa; e uma das características do coronelismo é essencialmente esse tipo de proteção que o coronel concedia aos seus "clientes". Portanto, podemos perceber e até defender que existia sim uma opressão muito grande, medo e muita violência naquele sistema coronelístico, porém existiram pessoas que não se conformaram com isso e praticaram ações e atos de resistência, cada um a sua maneira.

Neste capítulo analisamos a imagem e postura do coronel constituída de dois ângulos opostos. O primeiro, é composto por pessoas que eram coniventes com as ações do coronelismo porque mantinham relações sócio-política e econômica semelhantes. Por outro lado havia aquelas pessoas que não possuíam status social e não eram bem

sucedidas economicamente; estas pessoas vislumbravam o coronel como sendo um homem poderoso, violento, que mantinha as pessoas submissas a ele, e não admitia qualquer posição ou opinião contrária a sua. A partir desta análise, constatamos que em Barra de Santana algumas ações do coronelismo configuraram-se durante alguns anos do governo de Ernesto Heráclio, visto que as ideologias que fundamentava o seu poder estavam arraigadas em um sistema com traços coronelísticos.

#### 4. Considerações finais

Ao término desta pesquisa alcançamos algumas conclusões satisfatórias para nosso estudo. Nos dois primeiros capítulos, percebemos que a dominação coronelística ocorreu desde o fim da Monarquia perdurando até República, sobretudo, na República Velha, período que corresponde desde 1889 a 1930. Também podemos perceber que a política de parentela sempre foi intensa em todo o Brasil, mas principalmente na Paraíba; as relações sociopolíticas sempre muito semelhantes, havendo poucas mudanças, pois as oligarquias e os coronéis permaneceram dominando tanto no campo político quanto no econômico, ampliando e fortalecendo, assim, o poder público.

Contudo, vislumbramos ainda que a população realizava atos de resistência de diversas maneiras, às vezes por expressões individuais, outras por revoltas coletivas, como no caso do Quebra – Quilos e Canudos. Além disso, quer sendo do partido situacionista ou não, o coronel quando não tinha suas petições atendidas, promovia revoltas contra o governo, como foi o caso da Revolução Federalista em 1893, e a Revolta do Coronel Augusto Santa Cruz na Paraíba, em 1911-1912.

No terceiro capítulo conhecemos a imagem do coronel a partir de dois ângulos: O primeiro; a visão de pessoas mais elitizadas, as quais veem a imagem do coronel como um político poderoso e forte, e que a violência daquele período como sendo algo muito natural. Por outro lado, a visão de pessoas que pertencem à classe mais popular, as quais tem a imagem do coronel como sendo um homem poderoso, violento, que mantinha as pessoas submissas a ele, e não admitia qualquer tipo de posição ou opinião contrária à sua. Analisando as duas posições, concluímos que o sistema coronelístico pode ser visto de varias maneiras, dependendo do tipo de relação existente entre as pessoas e o coronel.

Deste modo, vimos que existem lugares, como no caso, Barra de Santana, que o coronelismo ou as práticas coronelísticas, ocorreram mesmo depois do fim da primeira República. Portanto o coronelismo não foi um fenômeno homogêneo, em alguns lugares ele extinguiu-se antes, porém em outros, como no espaço onde fora realizada a pesquisa, Barra de Santana, suas práticas perduraram por um longo tempo, não finalizando em 1930 como muitos livros afirmam. Barra de Santana é uma cidade onde os resquícios do coronelismo ainda são vigentes até aproximadamente a década de 1980. Todavia, atualmente encontramos práticas do clientelismo na política da cidade, principalmente no âmbito assistencialista, as trocas de favores ainda são notórias, a opressão ou perseguição por parte dos governantes também são visíveis. No entanto, isso não significa que essa

situação ocorra em todo país, mas é provável que aconteça em cidades menos desenvolvidas como é o caso de Barra de Santana.

## 5. Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: **Histórias dentro da História**. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Fontes históricas. 1ª edição, Editora Contexto, 2005.

ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande: **Do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. 2ª edição, Editora universitária |UFPB.

ARANHA, Gervácio Batista. Trem e imaginário na Paraíba e região: **Tramas político-econômicas (1880-1925)**. Campina Grande: EDUFPG, 2006. ( Coleção outras Histórias nº 2).

BATISTA, Francisco de Assis. Nas trilhas da resistência cotidiana: **o protagonismo exercitado pelos camponeses no Cariri paraibano(1900-1950)**. Campina Grande, 2010.

CARONE, Edgard. A República Velha II: **Evolução política (1889-1930)**. 3ª edição, DIFEL. Rio de Janeiro-São Paulo.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: **uma discussão conceitual**. 1997.

DOS ANJOS, Giulianne Chrishina Barros. A Revolta de Augusto Santa Cruz: **Drama e política na Parahyba (1911-1912)**. Campina Grande, 2009.

FERNANDES, Wertevan. A força do clientelismo: **práticas políticas recorrentes na cidade de Pombal, PB**. Editora universitária, João Pessoa, 2006.

GURJÃO, Eliete de Queiroz (org.) **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. 2000. Prefeitura Municipal de Campina grande, Secretaria de Educação.

\_\_\_\_\_, Eliete de Queiroz. SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. ARAÚJO, Martha Lucia Ribeiro. CITTADINO, Monique. **Estrutura de poder na Paraíba**. Editora universitária. João Pessoa, 1999.

HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. Tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. Forense universitária. Rio de Janeiro, 1976.

\_\_\_\_\_, E.J. Rebeldes primitivos: **estudos sobre formas arcaicas de movimentos sócias nos séculos XIX e XX**. Traduzido por Waltensir Dutra. 2ª edição, Zahar editores, Rio de Janeiro, 1978.

JANOTTI, Maria de Lurdes. **Sociedade e política na Primeira Republica**. 1ª edição. Atual editora.

LEAL, Victor Nunes, 1914-1986. Coronelismo, enxada e voto: **o município e o regime representativo no Brasil**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1997.

LEWIN, Linda. Política e parentela na Paraíba: **um estudo de caso da oligarquia de base familiar**. Tradução André VillaLobos. Rio de Janeiro: Record, 1993.

LIMA, Luciano Mendonca de. Derramando susto: **os escravos e o Quebra Quilos em Campina Grande**: EDUFCEG, 2006.(coleção outras Historias,n.1).

MONTINEGRO, Antônio Torres, História oral e memória: **a cultura popular revisitada**. São Paulo: contexto,1992(caminhos da história).

NEVES, Frederico de Castro. A multidão e a história: **saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza,2000 (coleção outros diálogos;3).

RÊGO, André Heráclio. Família e coronelismo no Brasil: **uma historia de poder**. São Paulo, A Girafa editora, 2008.

RIBEIRO, Hortencio de Souza. **Vultos e Fatos**.1979.

THOMPSON, Eduard P. **Costumes em comum**. Editora companhia das letras.1998.

VIOTTI, Emília da Costa. Da monarquia a República: **momentos decisivos**. 5ª edição, São Paulo, editora UNESP, 1987.

## Fontes

HERÁCLIO, Reginaldo. Chico Heráclio. **o último coronel**. Recife, 1979.

## Entrevistas

Entrevista realizada em outubro de 2010, com o senhor Antônio Gomes de Aquino, agrônomo residente em Pedras pretas, sítio pertencente a Barra de Santana.

Entrevista realizada em outubro de 2010, com o senhor João Araújo, agricultor aposentado residente em Salinas, sítio pertencente a Barra de Santana.

Entrevista realizada em novembro de 2010, com o senhor Vital Farias de Arruda, tabelião aposentado, residente em Campina Grande.

Entrevista realizada em novembro de 2010, com o senhor João Horácio, agricultor aposentado, residente em Paraibinha, sítio pertencente a Barra de Santana.

# ANEXOS

## Entrevista com Vital Farias de Arruda.

**AB-** Bom dia, meu nome é Ambrozina Barreto, sou aluna do curso de História da universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e estou aqui com o Senhor Vital Farias de Arruda, de 77 anos de idade, para que ele fale um pouco sobre a atuação da família do coronel Francisco Heráclito do Rêgo, para contribuição da minha monografia, projeto final da conclusão de curso. Escolhemos o Senhor Vital Arruda devido o seu envolvimento na política de Barra de Santana e também por ser um homem que conheceu bem a família Heráclio do Rêgo. Seu Vital o senhor pode começar falando sobre a História de Barra de Santana e posteriormente, falar sobre a sua vida e adentrar no conteúdo da entrevista que é a família dos Heráclios.

**V.A-**O ponto inicial na verdade não pode deixar de ser uma referência a família Heráclio do Rêgo da qual por incrível que pareça faço parte, lembro que deste tamanhinho (pequeno) morava na Salinas um cidadão João Barros do Rêgo, que recebeu o apelido de Joca da salinas, você deve ter andado pela Salinas, viu como é lá(deve ter visto) onde eles nasceram e se criaram, o Joca da salinas nasceu com o João Heráclio do Rêgo, nasceu seu Ernesto Heráclio do Rêgo nasceram as filhas Maroca, tinham outros filhos mulheres e meninos, Chico Heráclio assumiu o comando muito trabalhoso na região onde morava, essa região foi estabelecida de Salinas por limoeiro; cidadão Francisco Heráclio do Rêgo, tornou-se um coronel do tempo do Império misturado com a República (Francisco tornou-se um coronel, por sinal eu tenho um livro o último coronel. Eu vou trazer por que na entrevista vai lhe ajudar muito) mas, na verdade o coronel Chico assumiu assim a liderança política, mas ao mesmo tempo com a força do lado, e é de notório saber que esse povo dominou. Que Chico Heráclito nascido em 1885 e veio a falecer de 1974 por ai, mas ele recebia uma atribuição de como se fosse uma autoridade dentro do seu campo de ação. E ainda hoje os seus familiares ainda resolvem muita coisa.

**A.B-**Essa família ela tem origem Limoeiro/PE ou aqui na Salinas/PB?

**V.A-** Pela história este cidadão quando veio de Portugal, você sabe uma parte desse povo tudo veio de Portugal, e esse povo veio e de repente se instalou-se nessa região e tem uma coisa que pouca gente compreende, é porque a região de Salinas que existe um lugar desabitado, que é bem interessante, que é uma região muito grande que antigamente existia as grandes fazendas e a medida que os filhos ia se separando, as fazendas iam sendo divididas e subdivididas e terminou essa Salinas hoje em poucos hectares de terra, a casa de Pedra,etc, as senzalas é tanto que o coronel Chico, como é conhecido da gente na verdade era um homem decidido nas suas atribuições, ele dominava política Estadual através do palácio ele era grandão.

**A.B-** E como era que esse povo tratava as pessoas de pouco poder aquisitivo, os pobres?

**V.A-** Isso é relativo, eu acho que não havia maiores conseqüências não no tratamento, porque também o coronel Chico, porque tinha o nome de coronel também não era

absurdo, não não existia absurdo tento por ele nem pelas pessoas dele na verdade ele sobrepunha com aquele jeito de coronel.

**A.B-** Falando sobre as pessoas aqui na Barra mesmo quando o Senhor era mais jovem, as pessoas mais pobres, se juntavam com os ricos, ou havia uma separação nesses festas?

**V.A-** Eu nasci num lugar chamado Bom Jardim em 29 de Janeiro de 33, minha mãe a família dela tem suas raízes de Salinas e Gado Bravo, e por isso ou por aquilo meu pai casou-se em 32 e eu nasci em 1933, 29 de Janeiro e por pouco tempo meu pai conheceu essa região, nós fomos morar na região de Salinas e depois fomos pra Malhadinha . Então eu comecei a conhecer o problema de Barra de Santana, mas é um negocio muito abafado. Nos anos de 30 e ai por afora, os Amorim que eram família de destaque nessa região armaram uma festa de (correr) para Barra de Santana. E o chefe desse negócio era (dona Mira que era do conhecimento da gente) Elvira Amorim, então ela promovia essa festa e em 62 eu assisti e ajudei a essa festa e nesse ano eu peguei um motor com o Sr. Ernesto, não tinha energia elétrica , tinha que ser na base de motor, então foi feito a festa e todo mundo admirado com a festa porque acendia 12 lâmpadas agora a festa era também assim de gente (pouca gente) mas era o embrião que chegou ali em 1932 que ficou com a festa a dona Elvira Amorim. E ela deixou de fazer a festa, chegou o tempo de sua velhice ela se recolheu a Campina Grande, e a festa ficou a sendo resolvida por dona Betinha, irmã de dona Birina e essa festa ficou e foi aumentando em meados de 66, dominava essa festa Mané de Chatô, tomava conta desse negocio e através do acaso o povo era pedindo para eu tomar conta da festa por prazer, de fazer aquilo mas em 1º lugar, mas a grande era a de Nossa Senhora Santana, por incrível que pareça nesse ano todinho de 1935 pra hoje são 85 anos nunca houve em festa de Barra de Santana, não houve violência, apesar que existiam pessoas que eram conhecidas como violentas, mas Senhora Santana estava na frente e então houve tudo em paz, e a festa depois que Barra de Santana passou a ter administração própria, não resta duvida que os prefeitos procuraram ajudar, procuraram dar um segmento muito maior e é uma felicidade só, uma festa que deixa todo mundo satisfeito.

**A.B-** Essa festa era para toda população?

**V.A-** Era para a população toda, e os Amorim, família do Otávio Amorim, sabe é advogado, e a irmã dele era quem organizava.

**A.B-** Para o Sr, naquela época existia muita violência dos coronéis ou dos políticos que tinha o poder nas mãos?

**V.A-** Não, os coronéis na verdade, ninguém pode tapar o sol com a peneira, existia uma coação, mas também não era esse estardalhaço que a História mostra.

**A.B-** Então as pessoas votavam nesses coronéis, nesses políticos pelo respeito ou pelo medo?

**V.A-** Votava mais pelo respeito do que pelo medo.

**A.B-** Aquino falou assim: “As pessoas tinham grande respeito por esses coronéis”

**V.A-** Há é verdade ainda hoje tem.

**A.B-** E na época das eleições o Senhor se lembra das fraudes, se existiam fraudes?

**V.A-** Essa historia de fraudes são pessoas desocupadas que não contribuem com nada no passado e ficam relembando histórias que já passou sem viver. Eu conheci o coronel Chico ele era primo legitimo da minha avó materna.

**A.B-** Qual era a principal economia do coronel Chico Heráclito?

**V.A-** Pecuária e agricultura juntos, nesse tempo a população era menor mas de qualquer maneira, tinha de que ganhar o sustento para sua sobrevivência.

**A.B-** E as pessoas trabalhavam para esse coronel ou ele só tinha escravos, ou tinha também empregados?

**V.A-** Nos tempos bem lá atrás existiam os escravos, mas, depois de certo tempo isso extinguiu-se, quando aboliram a escravatura, ficaram alguns remanescentes talvez com preguiça, mas não me consta ter esses arrochos todos.

**A.B-** O Senhor lembra como era a relação dos patrões com os empregados naquele período?

**V.A-** É eu sei do meu avô que era proprietário lá com o coronel Chico, ninguém tinha dificuldade de relacionamento com ele não, não resta duvidas que existia um poder muito poderoso, mas não era tão...

**A.B-** E sobre os batizados, os casamentos, tinha casamento dessas filhas dos coronéis com as pessoas mais pobres da população...Como era?

**V.A-** Era de predomínio o casamento entre parentes ainda hoje o casamento entre parentes pra sustentar o nome da família, é tanto que você ver tanta gente casada que é primo, ficou uma degeneração nesse ponto de vista que Chico Heráclito era duma classe alta, mas, são poucos os que se casaram fora da família, mas é um numero pequeno. Já o Ernesto foi em pequena proporção.

**A.B-** O Senhor acha que naquela época exista muito curral eleitoral?

**V.A-**Essa parte ninguém pode dizer que não houve, mas não é tão como dizem, era menos e toda vida existiu, contam cada uma História bonita danada do coronel Chico que em 1968, houve uma briga política muito grande que eu assumi o cartório do distrito de Bodocongó, e quando for em 1968 houve o rompimento meu com Veneziano meu cunhado irmão da minha mulher, ela é Heráclito é neta do Joca de Salina. Sim, houve uma disputa política entre eu e Veneziano e eu ainda hoje quando o povo fala ele diz que agente ganhou nas eleições e os Ernesto tomaram mas nunca houve isso, perdemos porque não tinha voto para ganhar, jamais pra gente foi um negocio sem futuro, houve uma eleição e perdeu, lascou-se. Essa última eleição que eu disputei com

Oscar é nada que for roubada não, Dr. Oscar foi desleal comigo porque quem deu a vida a Oscar em Barra de Santana fui eu.

**A.B-** O senhor disputou muitas eleições aqui na Barra seu Vital?

**V.A-** Não, disputei eleições de 63 que foi quando Boqueirão emancipou-se, elegei-me vereador que houve uma prorrogação do mandato vereador e nesse tempo ninguém ganhava dinheiro como vereador era de graça e a seco. Em 1968 me candidatei a prefeito, mas perdi a eleição nesse tempo era uma perda normal, sai com nada pra disputar com ele que já havia sido prefeito com o apoio de seu Ernesto, Carlos Dunga, (Carlos Dunga já era envolvido na política desde esse tempo) Quem vinha de fora era difícil entrar na família dos Heráclios.

O pai de seu Ernesto, por exemplo, eu até tive um serviço que seu Ernesto me pediu, botar o nome do pai na fazenda mirados ele foi tantas vezes prefeito e não colocou, ele nunca teve a ganância de se amostrar.

**A.B-** O primeiro tabelião daqui da Barra foi o seu pai?

**V.A-** O meu pai não foi tabelião de cartório, o 1º foi o irmão da minha mãe. O 2º João Pinto Sobrinho, aí veio Elias Farias irmão da mãe de Vital, quando foi em 62 ele deixou porque trabalhava no DENOX, em 63 eu assumi lá de casa ninguém queria assumir, mas cartório era de pai pra filho, assim em 1963 até 2003 quando eu me aposentei aí pra os meus filhos não compensavam porque o apurado ordenado era pouco e não compensava esta vindo de Campina pra Barra e vice-versa, foi quando veio Graça e assumiu. Eu assumi o cartório no livro 7, hoje está no livro 45.

**A.B-** Seu Vital muito obrigado pela entrevista.

**Assinatura do Entrevistado.**

**Assinatura da aluna que realizou a entrevista.**

**Barra de Santana, 08 de Novembro de 2010**

## Entrevista com João Horácio Sobrinho

**A.B.**->Boa tarde,meu nome é Ambrozina Barreto,sou aluna do curso de História,da Universidade Federal de Campina Grande(UFCG),estamos aqui com o Senhor João Horácio de 82 anos de idade, para que ele fale um pouco sobre a família do coronel Chico Heráclito;o escolhemos para essa entrevista porque apesar de ser de uma família simples e humilde,conheceu bem de perto a família Heráclito do Rêgo. Senhor João,o senhor pode começar a falar sobre o coronel Chico Heráclito,de acordo com o que for si lembrando.

**J.H.**->O coronel Chico só ofendia quem ofendia a ele.Agora se ofendesse a ele podia chama-se uma pessoa morta.

**A.B.**->Ele tratava bem os empregados dele seu João?

**J.H.**->A pessoa que ele gostava,ele gostava mesmo,o coroné Chico,agora as pessoas que ele não gostava podia desabar,desaparecia pra ninguém nem ver.E você ta tão interessada,por que hein?.

**A.B.**->Porque eu estou estudando a vida dele, de Francisco Heráclito,para a universidade.

**J.H.**->E precisa estudar precisa?

**A.B.**->Precisa para um trabalho da universidade.

**A.B.**->O Senhor teve algum contato com ele,conversava com ele,se ia na casa dele?

**J.H.**->Conversava com ele e ia na casa dele com catõe e conversava mais ele,cada risada ele dava,mas tinha uma coisa,quando ele quéria matar um,ele dizia vai e mata.

**A.B.**->Ele matava qualquer pessoa?

**J.H.**->Era,matava,quem mexesse com ele matava,era pra ninguém mexer com ele.Ele podia fazer qualquer coisa,mais ninguém podia mexer com ele.

**A.B.**->O Senhor conheceu alguma pessoa que não gostava do coronel?

**J.H.**->Eu conheci,morreu.Foi Arthur,o nome dele.

**A.B.**->Morreu de que?

**J.H.**->Morreu de pau,porque ele falou do coroné na política,ele queria ganhar do coroné na marra.Um homem pobre daquele queria ganhar de um homem rico como o coroné Chico.

**J.H.**->Aí o coroné Chico mandou acertar ele.

**A.B.->**Então ninguém podia ficar contra ele?

**J.H.->**Não, ficar contra o que....se ele soubesse mandava matar.

**J.H.->**Coroné era um homem corajoso, trabalhador, mas era perigoso.

**A.B.->**E seu Ernesto em Boqueirão era perigoso também?

**J.H.->**Seu Ernesto, minha fia, vou dizer uma coisa a você, era o pai do mundo.

**A.B.->**Ele não era violento igual a Chico não?

**J.H.->**Era não, esse não ofendia a ninguém não, ele foi prefeito 40 anos de Cabaceiras pra Boqueirão.

**A.B.->**Ele ganhava as eleições só com o respeito que o povo tinha a ele?

**J.H.->**Eu não sei de que jeito ele ganhava, só sei que a eleição ele ganhava...(há, há, há...). Quem disputava mais ele era só pra perder, todo mundo perdia pra ele.

**A.B.->**E ele ajudava as pessoas seu João?

**J.H.->**Ah, minha fia, ajudava, quem precisava dele, ele ajudava. Agora só tem uma coisa, ele só não queria que ninguém falasse dele. Se ele ou o Coroné Chico soubesse que eu tô falando dela pra você, ave Maria, era uma pisa que eu não escapava mais nunca. Coroné era um homem bom, agora tinha uma coisa, brincou com ele, ele mandava jogar terra na cara.

**A.B.->**E quem era Catõe? era um capanga dele?

**J.H.->**Catõe era meu primo legítimo, a mãe de Catõe era irmã do meu pai, e era capanga dele, ele agora mora em Limoeiro.

**A.B.->**Mora com a família dos Heráclios?

**J.H.->**Mora lá com a família toda. O Coroné queria bem a Catõe, porque Catõe falava a verdade. Catõe matou um aqui e foi morar lá na fazenda do coroné, foi se esconder lá e lá ficou trabaiando, ajudando na fazenda. A mulher do coroné gostava muito mesmo de Catõe.

**A.B.->**O Senhor conheceu o irmão do coronel Chico, Jerônimo?

**J.H.->**Jerônimo conheci, ele tem uma filha casada com o filho de seu Ernesto.

**A.B.->**É porque naquela época era muito comum se casar primo com primo.

**J.H.->**Era, era um ninho de gato da mulesta, eles era rico, tudo podia, tudo fazia.

**A.B.->**Então seu João, só não podia ir contra o coronel Chico?

**J.H.**->Não.ave Maria,ir contra ele era a mesma coisa que ir contra uma caixa de maribondo.E ele era ambicioso por terra,ninguém podia mexer numa estaca dele. Agora,quem precisasse ele ajudava,era um homem bom.Teve um tempo que a família do Dr. Otávio Amorim queria tomar as terras da minha sogra,queria porque queria,e ai mandou um aviso pra ela desocupar a casa em 30 dias,e ela não tinha o que fazer,ai foi pedir ajuda ao coroné Franciscinho,filho do coroné Chico,falou com ele,e ele resolveu o negocio,e não deixou Dr. Otávio tomar as terras.

**A.B.**->Seu João muito obrigado,foi muito boa a sua entrevista.

Muito Obrigada.

**Assinatura do entrevistado**

**Assinatura do entrevistador**

**Barra de Santana, 08 de novembro de 2010**

## Entrevista com o senhor João Araújo do Rêgo

**A.B.->**Bom dia, meu nome é Ambrozina Barreto, sou aluna de História da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) e estou aqui com o Senhor João Araújo do Rêgo de 84 anos de idade, para fazer uma entrevista para contribuição do meu trabalho de final de curso, a monografia. E escolhemos o Senhor João Araújo, devido a sua aproximação com a família do coronel Francisco Heráclito do Rêgo, o coronel mais conhecido dessa região.

Bom dia Senhor João eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a família Heráclito.

**J.A.->**A família é uma família muito grande, de força, braba, boa e forte mesmo, nem o governo do Estado podia com ele, tanto coroné Jerônimo, coroné Chico, e Dr. Antonio Heráclito foi o chefe da Marinha.

**A.B.->**Seu João eu gostaria que o senhor falasse sobre a relação deles com a população, os mais pobres, com os empregados dele.

**J.A.->** Eles eram bom demais.

**A.B.->**E como eles tratavam os empregados?

**J.A.->**Tratavam bem, eu morei com o coronel Jerônimo, ele tinha uma tropa de empregados, mas tratavam todos bem, só se roubasse a paciência dele, mas de não roubasse era bom demais.

**A.B.->**Ele era um homem violento?

**J.A.->**Era de mais, vixe era de mais, quando ficava brabo era uma fera.

**A.B.->**Era bravo de mandar dar surra?

**J.A.->**Era de mandar dar surra, até de mandar matar, tanto coroné Jerônimo, como coroné Chico.

**A.B.->**Isso era comum na maioria os coronéis.

**J.A.->**Era, o coronel Chico ainda era pior, ele tinha um tal de Zé Vigia, que já tinha nome, e a vida era matar gente e se mudar de um canto pra outro, não matou só 20 não.

**A.B.->**O senhor se lembra se eles faziam festas na casa deles?

**J.A.->**Fazia festa as vezes, agora mesmo, depois que o coronel Chico morreu, eu tinha um convite da festa Fernando do Heráclito, uma festa na casa deles lá.

A.B.->E nessas festas que eles fazia a população pobre estava dentro ou não?

J.A.->Tava,tava,pra essas coisas ele era bom.Doutor Antonio Heráclito era bom de mais pra os pobres,eu só vivia lá na casa deles,cuidando do gado pra ele,ele avaliava dinheiro pra mim nos bancos,era bom que só ouro.

A.B.->E os casamentos?Acho que naquela época era difícil alguém que não era da família casar com uma pessoa fora da família.

J.A.->Não,vovô mesmo,minha vó era dos Heráclitos,ela era irmã do coronel Heráclito,pai de coronel Chico.

A.B.->Então seu avô entrou pra família casando com ela.

J.A.->Foi,meu avô,meu pai era casado com uma mulher da Serrinha,filha de Zé Pedra.

A.B.->Então o senhor é parente dos Heráclitos.

O senhor se lembra das eleições daquela época?Quando o senhor começou a votar,como era esse voto?

J.A.->Quando eu comecei a votar,eu votei em Ernesto Heráclito.

A.B.->E essa eleição era obrigado a votar,era violenta?

J.A.->Não,não era obrigado a votar não,eu votava muito na Barra,em Ernesto.

A.B.->Então as pessoas votavam em Ernesto por respeito?

J.A.->De mais,com respeito,Ernesto era gente boa de mais...Cabaceiras aqui pra Barra,40 anos,40 anos,ele passou no poder,não perdia nenhuma eleição.

A.B.->Então o senhor acha que naquela época não existia tanta violência?

J.A.->Não senhora,naquela época não era assim como hoje não,hoje é um castigo.

J.A.->Eu tinha mais aproximação com Ernesto Heráclito e com Zé...que foi deputado Estadual em Cabaceiras ,agora Ernesto começou em Cabaceiras e depois foi pra Boqueirão

A.B.->Seu João,naquela época existia troca de favores no voto?Por exemplo eu voto no coronel Chico e ele me dá alguma coisa em troca?

J.A.->Não,dava não senhora,só votava pelo respeito.

A.B.->Naquela época o senhor lembra de alguma festa de batizado? de casamento?

J.A.->Quando uma mulher ganhava menino,o povo dava cachaça com mel,onde tinha mulher de resguardo tinha a cachimbada,tinha uma festa de gente medonha,tomando cachaça e comendo galinha,

A.B.->O senhor acha que tinha diferença entre classes,rico e pobre?

J.A.->Não era assim mesmo,o povo se aproximava mais porque tinha essas cachimbadas,era uma festa medonha.

A.B.->Então por exemplo Chico,ou Ernesto governava uma localidade,ai os votos eram todos pra ele?

J.A.->Era,as vezes não porque tem os dois lados,mas Ernesto e Chico mesmo tinha mais força aqui e mais poder,ai o povo se embelezava mais com ele.

A.B.->É como se fosse um curral eleitoral,uma área onde eles governava e tinha os seus eleitores.

J.A.->Era,Ernesto mesmo aqui governou 40 anos,o primeiro voto que eu dei foi pra ele.

A.B.->Então naquela época não existia relação de violência entre eles?

J.A.->Não,não tinha violência não.

A.B.->E quando uma pessoa matava outra,ele acobertava o assassino na casa dele?

J.A.->As vezes,eu me lembro que tinha um rapaz que morava nas ovelhas,que trabalhava com o coronel Jerônimo,ele roubava,ele foi pra Jerônimo,passou um monte de tempo lá,corria vaquejada,acho que roubou cavalos,ou coisa assim.

A.B.->Era uns homens muito bravo? perigosos?

J.A.->Era,era muito bom,mas perigosos.

A.B.->Ninguém brincava com eles?

J.A.->Não,se brincasse ele mandava matar. Tinha um caba Zé vigia,que matava e corria pra outro canto,o coronel tinha muita terra aí mandava para outra propriedade,aqui tinha uma casa dele,o filho dele estudou com minha mulher,ela era professora também.

A.B.->Então o coronel Chico tinha os capangas que faziam o serviço pra ele?

J.A.->Era,tinha os capangas.

A.B.->O Senhor lembra de mais história deles?

J.A.->Não,logo eu sou mais novo,agora o filho de meu irmão Veneziano sabia de tudo.Uma vez Chico mandou um caba lá pra casa de Veneziano,ficou uns 8 dias lá escondido. Matar um caba aqui e mandar pra casa dos amigos pra ficar escondido,até aqui mesmo o caba já ficou uns 20 dias escondido,mas foi um caba de campina que mandou pra aqui.

A.B.->O senhor lembra de alguma história de alguém que se revoltou contra os coronéis?

J.A.->Não,não tinha não.

A.B.->Seu João,o senhor era bem amigo deles,mas sua família era bem economicamente?

J.A.->Era não,agente era pobre só tinha uma vaca,mas ele tinha consideração agente.Meu pai chamava com o coronel Heráclito tio Herácliquinho.Quando tinha festa lá,os primeiros convidados era agente,a mulher dele gostava muito da gente.Até hoje agente tem contato com as pessoas de família,quando eles vem aqui na Salinas,eles mim procuram.

A.B.->Seu João muito obrigada,sua entrevista foi muito boa,muito obrigada mesmo.

Assinatura do entrevistado

Assinatura da aluna que realizou a entrevista

**Barra de Santana, 26 de Outubro de 2010**

## Entrevista com Antônio Gomes de Aquino:

AB: Bom dia, meu nome é Ambrozina Barreto de Lira, sou estudante do curso de Licenciatura plena em História pela UFCG ( Universidade Federal de Campina Grande ) e estou aqui com o senhor Antônio Gomes de Aquino, de 65 anos de idade, para realizar uma entrevista para contribuir com o meu Trabalho Acadêmico, a Monografia, para a conclusão de Curso. Escolhemos o senhor Aquino devido a sua vida política em Barra de Santana e pelo fato dele ser um homem estudioso em História da Paraíba e em particular desse município.

Bom dia, Aquino. O senhor pode falar um pouco de sua vida política, como foi a sua participação em Barra de Santana

AA: Bom dia dona Ambrozina, vou tentar modestamente contribuir para o seu trabalho Acadêmico.

A minha vida, sou natural de Barra de Santana, o meu pai nasceu e faleceu nesse município, minha mãe é pernambucana de Bom Jardim. E foi em Bom Jardim que comecei os meus estudos, vivi muitos anos em Pernambuco na região da cana-de-açúcar e lá quando completei 18 anos fui eleito vereador no município de Orobó que naquela época já era emancipado. Posteriormente eu me mudei pra cá e fui eleito vereador do município de Boqueirão morando nessa época na comunidade do Santana, em Barra de Santana. Quando da emancipação de Barra de Santana fui eleito vereador, então minha vida política se resumiu a isso, agora com relação aos estudos sobre Barra de Santana, eu gosto muito da História da Paraíba e mim chamava muito a atenção os livros que eu encontrava pelos Sebos, encontrei dois contendes de História da Paraíba, um de História eclesiástica que falava muito em Barra de Santana, escrito pelo Bispado de Campina Grande e outros livros de História da Paraíba, vamos encontrando trechos aqui trechos e etc.

Falando sobre Barra de Santana, ela é situada a Barra do rio Bodocongó. Barra ou Desembocadura de um rio é o local onde ele desemboca em outro rio ou no mar, aqui é a Barra do Bodocongó, o nome dessa Barra era pra ser esse. Santana não tem Barra, era pra ser como Barra de Gramame na Paraíba, Barra de Guabirabe em Pernambuco, etimologicamente aqui era pra ser Barra do Bodocongó em função do rio.

Cabaceiras foi o 11º município emancipado da Paraíba, naquela época só se conhecia o litoral Paraibano, e então a penetração dos Oliveira Ledo no Sertão Paraibano, Pombal e etc; a penetração daqui se deu não por Paraibanos, mas sim por Pernambucanos vindos do Recife via Bom Jardim, então os primeiros colonizadores de Barra de Santana eram Pernambucanos . Como Bom Jardim é uma das cidades mais antigas de Pernambuco, cuja padroeira lá é nossa senhora Santana, então essas pessoas provavelmente eram devotos de nossa senhora Santana em Bom Jardim, algum desses devotos trouxe uma imagem da santa para colocar numa igrejinha que tinha aqui e Barra de Santana nessa época seu nome era Bodocongó, foi uma das datas de sesmaria que agente encontra nos livros do Nordeste Brasileiro. Encontra as datas e lá está o nome de Bodocongó. Não me lembro o nome do primeiro Sesmeiro, porque, naquele tempo as pessoas iam para o governo geral na Bahia a pé ou a animal com uma carta, um requerimento num bizaco de couro para não molhar durante a viagem, não existia estrada eles saiam daqui pelo rio Paraíba chegavam em Pernambuco no rio Moxotó, desciam até o rio São Francisco que eram os caminhos conhecidos, desciam a pé até a barra do rio em Aracaju e iam a pé para Salvador, lá apresentavam a carta e traziam a resposta, essa resposta era o documento de tantas léguas de terra.

No caso da Barra de Santana, a data de sesmaria era uma légua quadrada, que começava na barra do rio Bodocongó e ia até a barra do Riachão, do riacho que tinha aqui, uma légua ali para baixo na direção do poente subia tomava o curso do rio depois de uma légua numa pedra que tem lá no limite com Caturité e ainda hoje a data de Sés Marias é o limite dos municípios, de lá descia numa linha imaginária passando pela Malhadinha e pelo Barracão, descia limitando-se com Campina Grande, que nesse tempo Queimadas não era cidade, na localidade de Pinhões, ai já começava do lado de lá Ingá, Umbuzeiro até o Santana, era o limite do município, mas essa data de Sés Marias de Curimatã atravessava o mulungu e terminava no Riachão. Quer dizer, o primeiro dono de Barra de Santana, o primeiro criador Pernambucano que veio aqui, se deparou com índios, ainda comenta-se que ele teve muitas dificuldades de exploração por causa da presença dos índios na região. Para confirmar, aqui o nome do rio Bodocongó, se deu por causa da tribo dos índios Bodocongó que habitava uma serra aqui que tem o nome de Serra dos Bodocongós e que deu nome a localidade de Bodocongó que desde a sua criação em 1937 até quando pertencia a Boqueirão manteve-se com esse nome e só mudou com a sua emancipação política para hoje Barra

de Santana. E nós pertencemos a Cabaceiras todo esse tempo. Cabaceiras foi o 11º município da Paraíba a ser emancipado, mas tinha uma extensão de terra muito grande, como era de uma região muito pobre, muito seca, muito inóspita, Cabaceiras começava aqui e se estendia até os limites com Umbuzeiro, um livro da História de Umbuzeiro diz que a área do atual município de Umbuzeiro antes de se emancipar em 1904 e antes de Ingá pertencia a Cabaceiras até Pau D'arco, a historiadores que dizem que cabaceiras se limitava com Pilar, no sítio Pau D'arco, hoje mais ou menos na altura de São Vicente, onde hoje é a barragem de acauã. Cabaceiras se estendeu, como Padre Ibiapina era o missionário dessa região a igreja de Umbuzeiro foi derrubada em 1928, foi a primeira levantada por ele, mas no ciclo dos Pessoas de 1919 à 1928 essa igreja era feia, mas fizeram uma moderna e a igreja de Umbuzeiro foi feita pelo Padre Ibiapina, o que confirma que a região de Cabaceira se expandiu até ai, pois Padre Ibiapina era o missionário de Cabaceiras, mas depois Umbuzeiro se emancipou e Cabaceiras foi encolhendo, depois perdeu Santa Cecília e chegou ao que é hoje.

E Barra de Santana é limitada a uma área territorial de 369,2km<sup>2</sup>, com uma população de aproximadamente 10 mil habitantes, vamos ver nesse SENSU agora como se comporta. Aqui sempre caracterizou-se como uma região vocacionada para a pecuária, nos primeiros anos a pecuária de caprinos e ovinos, mas o forte dessa região que segurou o homem aqui foi o ciclo do couro, foi a pecuária do gado de corte e do gado de leite. Esse gado de corte, era criado seus bois e depois de 5 anos para levar para as feiras em Pernambuco na região do açúcar nas cidades de Nazaré da Mata, principalmente, para serem vendidos para a tração animal, para puxar o arado, e os burros dessa região também eram levados e vendidos para o transporte de cana, quer dizer que já tinham outros pernambucanos morando por aqui, por exemplo, Aroeiras tem inúmeras áreas que eram colonizadas por senhores de engenho pernambucanos, a família Pessoa é uma delas, agora vamos ligando ao coronelismo, é parcialmente a região de Barra de Santana foi mudando de dono de propriedade, mas, a região de Boqueirão que era de um grande produtor de açúcar, o Barão de Palmares, foi vendida a propriedade de Palmares ao coronel Heráclio do Rêgo de Limoeiro, dizem até que a escritura da fazenda Mirador que é o nome dessa propriedade que pertencia ao Barão de Palmares, Palmares era um dos polos produtores de açúcar no estado de Pernambuco, vizinho a Serra dos Zumbis, onde se deu a revolta dos Zumbis nos limites com Alagoas. Então a fazenda Mirador era do Barão de Palmares e dele foi vendida a família Heráclio

do Rêgo. A origem dos Heráclios do Rêgo não é Limoeiro e sim Barra de Santana; a fazenda do avô de Heráclio do Rêgo está lá em Sítio Salinas, na expulsão dos Holandeses de Pernambuco em 1630, Boqueirão não era colonizado ainda. A família Heráclio do Rêgo é uma família Holandesa, descendentes de holandeses, então todos tinham a vocação de plantio da cana, mais esse João Heráclio do Rêgo, avô de Chico Heráclio ele veio de Pernambuco, primeiro que ele tinha medo da expulsão dos holandeses e veio, mas veio procurar o Cariri Paraibano, chegou em Salinas, situou-se na margem do riacho salinas, a casa de pedra ainda se encontra lá, mas os netos estão explorando a propriedade, a casa continua originalmente lá construída, nessa propriedade foi nascendo a descendência de Heráclio do Rêgo, nasceram vários filhos entre os quais nasceu Heráclio do Rêgo, esse foi morar em Vertente de Umbuzeiro, era o pai de Chico Heráclio, ele foi morar na fazenda Vertente a casa tá lá até hoje, para o lado do Sul, hoje pertence ao município de Casinhas, foi morar lá e nasceu Francisco Heráclio do Rêgo, que é o tio de Ernesto Heráclio do Rêgo, que chegou a ser nosso habitante do Marinho e o nosso chefe político em Boqueirão, cabaceiras e Boqueirão, então é, nasceu e criou-se na região de Bom Jardim, quando adulto foi morar em Limoeiro, casou-se a primeira vez com a mulher de Vitória de Santo Antão, a mulher morreu e não deixou família. Chico quando casou-se, já era comerciante de boi, burro, propriedade e já tinha aqui a Salinas e vinha sempre aqui e com outras propriedades em Aroeiras, por exemplo. Casou-se a segunda vez com a filha do de senhor de engenho de Nazaré da Mata, que era o principal centro econômico nessa época do engenho Pagí de Nazaré da Mata, Dona Santa era o nome dessa mulher e graças a Dona Santa ele chegou a comprar a propriedade Pagí, e ainda deu o nome a uma propriedade aqui em Gado Bravo, que quando da sua morte ficou para um filho, e hoje a propriedade ainda tá lá, as construções feitas por ele estão lá, cocheiras, currais, casa grande, açude, etc e etc.

Agora um sobrinho dele, dada a sua ligação com Salinas veio, que foi o Ernesto Heráclio do Rêgo, ele veio moço com 18 anos ou 20 anos, veio morar nessa propriedade Mirador, aqui no município de cabaceiras ainda não se falava em Barra de Santana como cidade. Veio para o Mirador e essa escritura era engraçada, onde foi do Barão de Palmares, tinha uma extensão de mais de 5 mil hectares de terra, juntas de bois, carros de bois que eram o transporte de Pernambuco pra aqui eram dessa forma que as estradas eram abertas e tinha na escritura do Mirador 18 escravos, não é a toa que São João do Cariri que é uma cidade mais antiga que Campina Grande e uma cidade anterior a

Cabaceiras na beira do Rio Taperoá, nos primeiros SENSOS realizados foi o segundo município a ter mais negros, perdendo apenas para a capital. Na literatura de Irineu Joffly, consta São João do Cariri com todo esse desenvolvimento, até sede de Tribunal de Justiça chegou a ter e hoje é um município pequeno que a economia é atrasada. Voltando a Barra de Santana, porque aqui se tornou povoada? Por que a História diz que em 1670 foi a primeira descoberta de Boqueirão, coincidentemente se os colonizadores vinham pelo Rio passaram aqui, no sítio Altar tem esculpido seus registros feitos com ferramentas a data de 1670, tá escrito lá numa pedra no Altar a data 1670. Então, como Boqueirão o nome já tá dizendo é um apertado, não falam muito em cabaceiras, mas falam em Boqueirão como o primeiro centro de habitação de branco do interior do estado da Paraíba, embora outros historiadores falem do sertão, mas em Boqueirão o rio era muito apertado, a serra era muito apertada e entre essas serras apertadas tinha um poço muito profundo que nunca secava no Rio Paraíba, hoje esse poço está debaixo da fundação do açude Epitácio Pessoa, o açude foi feito em cima desse poço, quem viajou a Cabaceiras em 1951, comentou que tinha um grande buraco que dava agonia só de olhar, era muito profundo exatamente esse poço, onde estão as fundações do açude de Boqueirão construído pelo DNOC's iniciado em 1950 e trabalhado até 1957. Quem fosse a Boqueirão naturalmente teria que passar por Bom Jardim, Umbuzeiro, conceição de Alcantil, onde tinha uma igreja. Ali ele pegava a margem do Rio passava pelo Altar, porque ninguém se perdia seguindo o Rio, porque se eles fossem andar vagando pela Caatinga, não conseguiriam e iriam ficar vagando pela mata, tinha muitos cactos, macambira, xiquexique, muito mandacaru, muitos espinhos, muita vegetação seca, tudo de uma cor só. Eles não conseguiriam se deslocar porque naquele tempo não se tinha bússola, equipamentos modernos que na navegação só veio surgir em meados de 1700 e 1800. Então o caminho correto de quem penetrava para o interior era o Rio, e o Rio Paraíba se tornou o caminho dessa região, e esse Rio é aonde tinha água e a população parava para descansar com os animais, e Barra de Santana deveria ser uma dessas paradas, e de paradas em paradas deve ter se transformado num rancho para os animais e de rancho alguém se agradou do local que era no encontro dos dois Rios e adquiriu essa posse aqui, esse proprietário de Bom Jardim.

**AB:** O senhor sabe os principais nomes dos coronéis aqui daquela época, ou o que tinha maior poder nas mãos?

AA:O maior poder era Ernesto Heráclio do Rêgo, ele chegou a coronel proprietário, até a escritura da propriedade dele tinha 18 escravos, comenta-se que a Barra de Santana também tinha uma senzala, o colonizador morava e tinha uma senzala do lado do Rio Bodocongó numa casa antiga, mas, não foi uma coisa documentada, embora lá na fazenda a escritura consta 18 escravos, na fazenda Mirador que era do sobrinho do coronel.

Ernesto Heráclio do Rêgo, o sobrinho do coronel veio para cá com 18 anos, toda a região pertencia a Cabaceiras e ele começou a se enfronhar na política em 1937 e começou a ter eleição, pois, Cabaceiras teve um período obscuro e ele se elegeu prefeito de Cabaceiras, foi mais três vezes prefeito de Cabaceiras, foi deputado estadual; Ernesto Heráclio do Rêgo era um homem respeitado pelo poder político e respeitado pela imagem de coronel, de homem violento, família poderosa e violenta, a violência era muito comum, quando alguém cometia um crime, matava, ele procurava o coronel ou procurava um coronel em Pernambuco, e ia viver no engenho e trabalhar de graça, era isso que o coronel queria, porque a escravatura já havia sido abolida em 1888, mais os senhores de engenho que eram bons, os escravos não mudaram, ficavam trabalhando no engenho ganhando pouco, e os criminosos sempre procuravam os fazendeiros dos coronéis, que tinha poder político; nesse tempo os delegados eram nomeados pelo coronel político, então a proteção aos criminosos era garantida, os caras trabalhavam na propriedade do coronel de graça, enquanto a pena prescrevia 10 anos ou até ele dizer vai embora. aqui a gente chegou a conhecer Pernambucanos que vieram nessa região, ficaram, casaram-se aqui, no Riachão a família de José Severino, casou-se com dois criminosos, um hoje está no Pará o outro está não sei por onde, mas casaram-se aqui com a filha de José Severino e com a irmã de dona Olímpia, esses rapazes vieram dos engenhos de lá quando tinha alguma briga, alguma morte.

Ernesto Heráclio do Rêgo foi para Boqueirão, foi prefeito em Cabaceiras e ai foi que o poder cresceu e veja a data do município de Cabaceiras ela foi o 11º município, a Paraíba, tinha se quer 50 municípios ou talvez tivesse 30, e foi em 1911 a criação de cabaceiras, parece-me que foi isso não me lembro bem, a Paraíba com poucos municípios, ai Cabaceiras ocupava uma extensão territorial muito grande, veja a Barra de Santana pertencia a cabaceiras, Alcantil, Caturité, Barra de São Miguel, todos pertenciam, Caturité tem uma particularidade, pertencia a Campina Grande, aqui na pedra da Malhadinha, Campina Grande deixou o distrito de Caturité, por que descobriu

que Boa Vista tinha Bentonita, ai passou Boa vista que era de Cabaceiras para Campina e Caturité para Cabaceiras, trocou com um governador amigo Caturité em Boa Vista, se você for hoje a Caturité vai ver que o nome do colégio é Felix Araújo que é Cabaceirense. a primeira posse de Cabaceiras sobre Caturité foi colocar o nome de Felix Araújo na escola.

**AB:** A família Heráclio do Rêgo, colocou o nome do colégio Estadual de Barra de Santana em homenagem a Antônio Heráclio do Rêgo?

**AA:** é um filho de um irmão de Chico Heráclio, nascido na fazenda Vertente de Umbuzeiro, e os senhores de engenho de Pernambuco e a família Heráclio do Rêgo, começou a se projetar na política pernambucana, chegou a assembleia, chegou a ser deputado, chegou a ser prefeito de limoeiro, Passira ainda hoje, recebi a visita do neto de Chico Heráclio, que veio cuidar da fazenda Salinas e ele ia muito ao Santana e eu morava lá, um dia de repente ele chegou com dois amigos e um deles eu achei que já conhecia, porque morei em Pernambuco por muitos anos e foi exatamente o deputado Luiz Heráclio do Rêgo, que era presidente da assembleia legislativa de Pernambuco, então ele veio e foi comer uma galinha de capoeira lá no Santana que era pertinho e eu era amigo de dona Avilina, a esposa.

Naquela época, o sonho era a carreira de medicina ou a carreira militar e o proprietário da Vertente que era Heráclio do Rêgo, então, mandou o filho Antônio Heráclio do Rêgo, estudar na marinha no Rio de Janeiro, o menino foi servir a marinha, como ele queria estudar medicina, conseguiu ser medico da marinha no Rio de Janeiro, com isso chegou a almirante, porque nesse tempo formado em medicina chegou a ser almirante da marinha do Brasil, veio para o Pernambuco como médico e como Almirante, porque a marinha começou a espalhar seus quartéis. No Recife tinha uma esquadra naval e ele veio para Pernambuco e chegou até a frequentar a região aqui e seu Ernesto. coronel Ernesto homenageou a família colocando o nome do sobrinho no colégio de Barra de Santana, foi essa a razão.

**AB:** E a relação da população com os coronéis naquela época, como era?

**AA:** Era uma relação de medo e de respeito e de medo, quando havia algum crime, geralmente ninguém registrava queixa em delegacia, até porque o delegado era nomeado por eles, além disso, o criminoso ia geralmente procurar o político, no coronel

e político, que aconselhava e mandava ir para casa, para fazenda de um amigo ou ficar na própria fazenda, se fosse um homem novo capaz de trabalhar e produzir ficava na própria fazenda. Ai o delegado não ia, a policia não ia lá com medo, comenta-se que naquela época chegavam a encontrar 10, 12, 15 homens e na fazenda quando tinha visita esses homens não apareciam ficavam na propriedade, mas não apareciam para não ser vistos, reconhecidos, trabalhavam na retaguarda. Era assim que funcionava, procuravam o chefe político ou fugiam para a casa de um parente distante, mas geralmente na casa de um parente distante a justiça ia atrás e localizava.

**AB:** Senhor Aquino a gente sabe que naquela época era muito comum as fraudes eleitorais entre os coronéis, naquele tempo existiam as Oligarquias aqui na Paraíba, cada um deveria pertencer a uma ou todos reunidos, era assim. Mas existiam muitas brigas políticas nessa época entre os próprios coronéis?

**AA:** existia a briga pelo poder municipal, nesse caso Barra de Santana testemunhou até mortes na disputa eleitoral; então apesar dele ganhar todas as eleições, o povo votava com medo de ser perseguido, quem não acompanhasse tinha esse receio; quem apareceu na eleição com Breno, Denis do Carmo, era um fazendeiro forte, respeitado, ligado a Vital Arruda, no caso Vital Arruda também é um pernambucano de Limoeiro, de um engenho de cana-de-açúcar, ele não era um “zé ninguém” não ele era ligado a cana-de-açúcar, ele veio ser tabelião aqui quando o tio, nas cidades eram criados os cartórios e os tabeliões eram pessoas letradas, pessoas de grande leitura e a Paraíba não tinha, aqui não tinha, em Boqueirão não tinha colégio, nem Cabaceiras tinha colégio, só existia colégio em Campina Grande, e Vital veio para cá com o tio, o Elias Farias que morava na beira do asfalto, no local que hoje é a queijeira de Dede do leite. do lado de cá era o hotel de dona Eutália, o hotel foi depois de 1940, como o distrito aqui foi criado em 1937, o cartório só seguiu depois de 1937; então com a criação do cartório cadê gente pra nomear? Então foi novamente as relações com Bom Jardim, veio pra cá o primeiro tabelião Joao Pinto Sobrinho e depois veio o Elias de Albuquerque Farias, daí veio o sobrenome Albuquerque que é de uma família tradicional pernambucana, e esse Elias Farias, o segundo tabelião daqui, trouxe Vital Farias pra cá e este é o tabelião ate hoje, como você sabe, e ele posteriormente passou a fazer parte da família Heraclio do Rêgo aqui em Salinas. Uma das filhas dos Heraclios teve um romance com um rapaz alvo, branco, porem não era Heraclio, ninguém queria que a filha de um coronel se casasse com uma pessoa que não fosse da família, as

relações de parentesco era muito forte, não era comum casamento fora da família, como essa moça perdeu a virgindade com esse rapaz, o pai soube e mandou os trabalhadores cortar madeira( e essa historia esta escrita no livro do filho de Chico Heraclio, então deve ser verdade), e os trabalhadores foram cortar madeira, e todo mundo estranhou e ele deu a noticia de que iria queimar a filha que tinha perdido a virgindade com o rapaz, iria fazer uma coivara pra colocar a filha dentro e queimar, aí todos os vizinhos correram para lá porque a moça era muito querida, e depois dessa confusão toda originou-se o casamento com a família Cambraia, essa família que é de Joao Araújo, mas que é mais conhecido como os Cambraias, e levou esse nome porque eles são brancos da cor de pano de cambraia, branco despigmentada. Quando veio Elias Farias e Vital Arruda também casou nessa família.

Então veja, na época dos coronéis de Cabaceiras, quando se cometia um crime, geralmente o criminoso procurava a fazenda de um coronel e chefe politico, porque lá ele se sentia protegido, ate porque o delegado era escolhido por eles, escolhido para não mexer com isso.

**AB:** e os “Trovão de Melo” eles eram coronéis também?

**AA:** não, não conhece nenhum registro dessa família que diga que era coronel não; aqui só existia um homem que se comparava ao coronel Chico Heraclio, apenas no poderio econômico e na extensão de terras, era o coronel Demostenes Barbosa, lá de Riacho Grande, onde as duas, Barra e Riacho Grande pertenciam a Cabaceiras; o coronel Demostenes era um homem de Surubim que pertencia a Bom Jardim, esse homem veio a Campina Grande negociar com peles de burro e levava para vender no Recife porque a Paraíba não tinha curtumes, depois começou a surgir o movimento do algodão como grande promessa para a fonte de renda e a firma americana Anderson Cleiton veio montar uma unidade em Campina Grande, foi a primeira unidade, e o coronel Demostenes vendo isso, viu que o algodão era um grande negocio, nessa região da gente tinha grandes bolandeiras de algodão ( oque era bolandeira? Era uma usina de algodão movida a animais), os engenhos de antigamente, as almazarras eram movidas a burros; então tinha as almazarras de algodão, aqui na Empoeiras tinha uma, no caminho que vai para Boqueirão tinha outra, essa era do meu bisavô, um senhor de engenho de Pernambuco, de Bom jardim , ele foi varias vezes assaltado e perseguido por Antônio de Silvino, o portador dos burros ou dava dinheiro a Antônio de Silvino ou morria; mas

voltando ao coronel Demóstenes ele foi o segundo maior comerciante de algodão em Campina Grande, foi também um grande exportador; e qual a importância desse homem para Barra de Santana? Eu quando fui vereador coloquei o nome dele naquela avenida do posto, e porque? Porque esse homem comprou a fazenda Riacho Grande, que tem uma data de sesmaria a fazenda luango, então essa propriedade começava no rio, 6 léguas, era uma data de 6 léguas, ia até dentro do Marinho, todo o município de Alcantil era dentro dessa terra dele, e essa fazenda tornou-se uma usina de algodão, e ele como exportador de Campina Grande comprou a segunda prensa hidráulica, ele em 1929 ele exportava algodão para os Estados Unidos, ele era vereador em Campina Grande, e como era um coronel influente chegou a ser deputado estadual da Paraíba, foi ele quem fez essas estradas, pra Caruaru, pra Alcantil, e estrada que liga Barra a Campina Grande, e foi através dessas estradas que Barra de Santana, apesar de ser uma região pobre, se tornou conhecida, através da linha de ônibus que liga Pernambuco, Barra e Campina Grande. Mas vamos voltar aos Heraclios lá na Salinas, ali ficava homens bravos, violentos e na política havia muita violência, nas campanhas muitas vezes não aparecia candidatos, geralmente o coronel era candidato único, até porque na comarca a mesa eleitora era indicada por ele, o voto era escrito de caneta no papel e depositada, a chapa ineira era assim, mas aquela chapa o cara escondia na mão e a contagem era complicada, ninguém nunca perdia a eleição, votava-se mais por respeito; e houve uma história pitoresca que era Ernesto Heraclio do Rêgo que morava em Cabaceiras, aí veio a emancipação de Barra de São Miguel, primeiro que Boqueirão, e lá em Barra de São Miguel tinha um grande fazendeiro que era Ismael Maon e só tinha 500 eleitores, e o coronel Ernesto apesar de já ser prefeito em Cabaceiras, quis também concorrer na eleição para prefeito de Barra de São Miguel, e seu adversário Ismael Maon, um grande fazendeiro de muito gado, fez a seguinte campanha política: ele chegava numa casa e dizia, olhe eu vou lhe mandar uma vaca para você tomar leite, se eu ganhar você fica com a vaca, mas se eu perder eu venho buscar ela de volta. É a troca de favores que sempre existiu. Então Ismael tinha que distribuir 251 vacas, já que eram 500 eleitores, e tinha casa que não tinha vaqueiro e não tinha homem só tinha mulher, então nos casos que o chefe da família era uma mulher, ele dizia, vou mandar uma maquina de pé pra senhora, se eu perder eu venho buscar, se eu ganhar a maquina é sua. E essa foi a única eleição que Ernesto Heraclio do Rêgo perdeu, em Boqueirão seu Breno e Vital Arruda se uniram mas nunca ganharam nenhuma eleição dele, nunca, nunca mesmo, corria pra cá, corria pra lá, mas nunca Ernesto perdia uma eleição, isso porque tinha o medo, tinha

o respeito, vinha o compadrio, as relações e o povo temia em votar no lado contrario e ser perseguido pelo coronel, Ernesto mandou até quando quis, elegeu até um filho deputado, e ele mesmo foi também deputado, foi prefeito de Boqueirão, no ano que ele não queria ser candidato ele indicava um que ganhava também, depois ele voltava e assim por diante. Mas nem coronel Demostenes, nem Ernesto teve a importância politica que o coronel Chico Heraclio do Rêgo tinha, praticamente ele foi o único coronel dessa região.

Vamos falar um pouco do inicio de Barra de Santana. Barra só veio a ser vila em 1937, aqui era povoação de Bodocongó, tinha uma igreja lá no fundo, bem pequenininha, lá onde estar o altar dessa igreja matriz, e o homem quando veio lá de Bom Jardim ele doou um quadro de terra, um quadro onde hoje está a cidade de Barra de Santana, doou pra santa, escriturou e tudo, hoje essa escritura está no bispado em Campina Grande; e a partir daí começou a região a ser povoada e cada vez mais penetrada por pernambucanos, famílias como Aguiar, de Orobó, Travassos, de Bom Jardim, Sousa Barbosa, Cordeiro, Trovão de Melo, Lira, Albuquerque, todas essas famílias vieram de Pernambuco.

Naquele época aqui em Barra teve um detalhe importante que deve ser lembrado, foi a revolta do Quebra-Quilos, aconteceu em Fagundes, e o que foi o Quebra-Quilos? Foi uma revolta da população paraibana e do Nordeste de um modo geral contra alguns fatores, o primeiro a obrigação de servir ao exercito, naquele tempo a guerra do Paraguai, ( nós tínhamos ex-combatentes aqui como, o senhor Valdemar, Zé Aguiar da Rosa Branca que foi para Itália, Zé Galdino, todos esses participaram da segunda guerra) o município na época era Cabaceiras, ninguém sonhava com Barra de Santana, era bodocongo, esse nome Barra de Santana foi Vital Arruda que inventou porque o povo falava muito em Santana, é um nome etimologicamente errado porque o que é barra? A barra é o lugar onde um rio desemboca no outro, então seria aqui a Barra de Bodocongó, para homenagear a etimologia, a tribo dos Bodocongós, a serra, outro contra tempo, a serra de Bodocongó não ficou para Barra, ficou para Queimadas, deveria ter uma disputa jurídica da comarca daqui com a de lá para trocar um pedaço de terra do município, para que a Barra ficasse com a serra. Em 1874, o cara era obrigado a servir o exercito, houve uma mudança no sistema métrico decimal, comprava pano por jarda, liquido se comprava um galão que era 4 litros, farinha por quilo, aí o povo foi se revoltando e a crise que a província estava passando, aqui era a Província da Paraíba do

Norte, a capital da Paraíba era Parahyba, essas coisas revoltou a população jovem e começou uma revolta em Fagundes, o chefe em campina Grande foi Joao Carga D'agua, em Campina grande quebraram os quilos que o governo implantou e jogaram no rio bodocongo , por isso o nome Quebra-Quilos, Cabaceiras já era cidade e era vizinha de Campina Grande, invadiram Cabaceiras e jogaram os pesos no rio Taperoá, a primeira invasão em Cabaceiras teve que ser á cavalos porque não tinha estradas para passar carros; o primeiro líder religioso de Cabaceiras foi o padre Ibiapina, que era cearense revoltado com a vida, ele foi advogado, porem no império o pai dele foi condenado a forca, porque não obedeceu as leis do Império, e ele como advogado não pode impedir que o pai fosse enforcado, depois disso ele voltou a Recife e foi estudar para ser padre, e nessa época ele estava em Cabaceiras; os revoltosos do Quebra-quilos assaltaram Cabaceiras três vezes, na terceira vez até o cartório com todos os dados, todos os registros foram queimados, e com isso resolveram mudar a cidade de Cabaceiras para uma região mais habitada, e em 1874 a cidade de Cabaceiras veio para aqui, e funcionou aqui até 1900, aqui em Barra de Santana, na época, Barra de Bodocongó, funcionou a sede de cabaceira por quase 30 anos, e foi nesse período que o padre Ibiapina habitou em Barra de Santana.

O secretário de renda daqui era um tal de Dôcha do Mulungu, ai foi que apareceu o avô de dona Aline, brabão que amarrava os presos no cavalo e arrastava no meio da rua, era um violento sem ser coronel, era o Avelino Barreto, era o terror de justiça, delegado não tinha, era nomeado, e se chamava comissário de polícia, ele foi escolhido pelo político da época comissário de polícia, ai disse que ele amarrava os ladrões no rabo do cavalo e arrastava no meio da rua e tome chibata, tome chibata e era desse jeito igual ao Cordeiro de Melo avô de dona Joana, que era outro homem violento. A forma da família Heráclio do Rêgo não era diferente, teve uma eleição de Breno, quando ganharam do seu Ernesto, inventaram de arrastar uma Jurema dentro da Barra de Santana, ai passaram e amarraram essa jurema ou foi baraúna no carro e passaram arrastando no carro, por isso é que o filho de Antônio Padre é jurema, com essa brincadeira morreu Antônio de Mundim, morto pelo irmão de Antônio Padre, um que mora no Sul do País e nunca mais veio. Foi por causa dessas brigas políticas, aqui a política chegava aos extremos, no período eleitoral é que eles brigavam, mas voltemos ao padre Ibiapina, ele veio para Barra de Santana, mas continuou sua missão, ele não parava num lugar, chegando em Cabaceiras ele fazia caridade, igreja, cemitério, açude.

Em Boqueirão ele fez um cemitério tem a placa com o nome dele, Padre Antônio de Maria Ibiapina, era Cearense quem chamou a atenção para esse detalhe fui eu quando trabalhava na escola. Ele trouxe sua família lá do Ceará, quando o seu pai foi morto , com medo que suas irmãs também fossem mortas, ele as trouxe e colocou num lugar chamado Gravatá dos Jaburus, aqui depois de Alcantil, que tudo era Cabaceiras nesse tempo, ai fez casa para elas, fez lá igreja, cemitério, e etc. A missão dele era essa, por que não tinha água nesse tempo, de lá ele foi para o Jardim, Jardim pertenceu a Cabaceiras, ai em 1918, o poderio da Família pessoa tomou o município de Santa Cecília que pertencia a Cabaceiras. Ai eu-me questionava, porque o jardim tem obra do padre Ibiapina, se ele era o missionário de Cabaceiras, porque que a Mata Virgem de Umbuzeiro tem obra do Padre Ibiapina, eu ia para as festas e via aquilo lá e perguntava, quem fez essa igreja? O povo respondia que foi Padre Ibiapina. Então ele fez todas essas obras. O Jardim, a Mata Virgem, eram caminhos dos colonizadores, era uma mata fechada, uma Mata Atlântica de altitude, com madeira de leite, quem vinha de Bom Jardim subia a serra e vinha pela divisa da serra para chegar aqui no tempo da colonização. Mata Virgem, tem igreja, cemitério e açude também. Muito bem, o Padre Ibiapina ficou e construiu tudo isso. Na revolta dos Quebra Quilos, houve depredações em Queimadas, Campina Grande, foi muita gente presa, mas em Barra não teve essa passagem e a data na igreja tá marcada.

Outro fato que marcou a Barra de Santana foi em 1925, não tem a ver com o coronel, mas tem a ver com secção religiosa, a revolta do Ageu, a guerra do Ageu. O que foi a guerra do Ageu? Num tinha Antônio Conselheiro na Bahia em Canudos que formou aquela comunidade que teve que vim o exército, a Marinha, dominar aquele homem. Aqui na Paraibinha que hoje é a fazenda de um homem de Taquaritinga, ali era a propriedade do Ageu, ele começou a rezar e da conselhos, e esse Ageu antigo pai de Pedro Ageu, (Pedro Ageu ainda tinha uma bala na bunda desse tempo de 1925), ele começou aconselhando e as mulheres acreditando, ele começou a mandar as mulheres vender o que tinha e da o dinheiro a ele que era para a salvação e etc. E as mulheres em casa e os maridos revoltados, não com ciúme, mais revoltados com isso e as mulheres vendendo as coisas e entregando o dinheiro, ai o movimento começou a ser tão forte na região que deram parte a polícia de Cabaceiras. E um dia a polícia mandou bala, matou 14, por isso, tem o livro o fogo de Ageu, então o fogo de Ageu, foi o tiroteio. A casa foi derrubada, e eu andando em Vereda Grande, entrei numa determinada casa, e na porta

algumas marcas e perguntei se haviam atirado na porta, e o homem me respondeu que tinha sido a porta do fogo do Ageu, com buracos dos tiros de fuzis da polícia, ai eu disse vou trazer uma porta nova para o senhor me da essa, não fui atrás porque Barra não tem museu. No fogo de Agéu, 14 ficaram mortos e vieram num carro de boi, trouxeram para enterrar num cemitério que foi o padre Ibiapina que construiu, que é ali do lado da casa do Padre, a casa paroquial. E como era 14 mortos e era num tempo violento, fizeram uma cova só e tinha morto que já estava duro, ai foi enterrado em pé, no carro de boi no meio dos mortos tinha um cara baleado se fingindo de morto com medo que a polícia ainda estivesse por perto, na hora de joga-lo na cova ele falou não eu estou escapo, não me jogue. A polícia já tinha ido embora ele escapou, esse foi o fogo de Ageu.

Um pouco da família Heráclio do Rêgo, quando eu era pequeno na escola de Pedra Preta. tinha uma farinhada lá, porque eles plantavam mandioca lá em Pernambuco, e aqui plantaram e deu certo, ai eles faziam uma farinhada. No lugar onde hoje é a escola de Pedra Preta era uma casa da farinha. No campo social, a sociedade nunca progrediu porque não tinha oportunidade nem escolas, aqui veio ter escolas muito tardiamente, eu para estudar meu ginásio tive que ir para Pernambuco e só tinha direito de estudar quem tinha dinheiro. Num cavalo emprestado de Antônio Leco, papai me levou de Pedra Preta para estudar em Pernambuco. Aqui com o açude de Curimatã, as coisas melhoraram muito foram professoras para lá como dona Laura Barbosa, dona Lina, mas quando o rio enchia ninguém podia passar ai o cabra perdia 2, 3 anos.

A senhora ainda deseja fazer outra pergunta?

**AB:** não, sua entrevista foi muito boa, muito obrigada pela sua contribuição, e foi muito boa esta nossa conversa. Muito obrigada.

**AA:** muito obrigado também, e espero que minha entrevista lhe sirva mesmo e lhe ajude no que você deseja.

Assinatura do entrevistado

Assinatura da aluna que realizou a entrevista.

**Barra de Santana, 26 de outubro de 2010.**